



O

ALABAMA



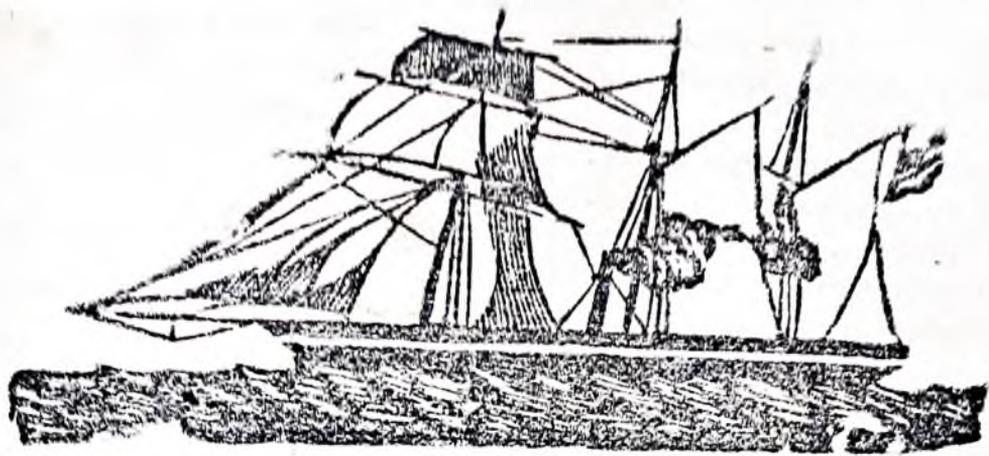
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIÓDICO CÉPTICO E CÉISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

3 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 15.^a—N.^o 146

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, ou le se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 2 de janeiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.^o districto — Com quanto se reconheça que S. S. vive atarefado com altos negocios de interesse publico; releve S. S. que, de vez em quando, se lho vá perturbar o tempo com frivolas banalidades.

Informam-nos que no Mundo Novo, ao Castro Neves, mora um crioulo pedreiro, que tem em seu poder um pobre menino de 8 para 9 annos, a quem castiga barbaramente. Em um destes ultimos dias commetteu a judiaria de mandal-o abrir os braços e amarral-os a uma vara, conservando o infeliz neste estado, por mais de uma hora. S. S. dará o apreço, que quizer, a semelhante informação e fará o que melhor entender.

— Vivemos n'um paiz de reprobos!

— O Sr. é quem diz.

— Parece incrivel que haja vivente com similhante coração.

Um innocente menino semi-vivo, involto n'um pedaço de trapo, atirado á portaria de S. Francisco e coberto com um pouco de lixo.

— Que horror!

— O desventurado morre alli e os cães vêm remexer o cisco e revirar com o focinho o corpo inanido do infeliz!

— E dizem que vivemos n'uma sociedade civilisada!

— O cadaver foi carregado n'um *cesto* e levado por um ganhador, creio que, para o hospital á mandado dos frades.

— Tambem a excessiva miseria é causa de muita cousa!

— Si ha muita pobreza, tambem a charidade não está extincta. Ha muito quem dê quatro vintens de esmola para se enterrar um anjo, e não ser preciso atiral-o ao pasto; é que ha mesmo almas prostituídas no lodaçal do crime, para quem o doce nome de mãe é um irrisão.

— E vão ver que as mãos que sacrilegamente praticaram isso, estão a bater palmas n'algum *samba*, fazendo as vespas de anno bom.

— Vejo cousas nesta terra que não as sei perceber! Desejaria achar quem me as explicasse, para não dizerem depois que eu ando á fallar sem conhecimento de causa.

— Já sei, V. o que quer é desenferrujar a lingua.

Puche la por essa taramella.

— Per mais que procuro dar expli-

cação a certos factos, a minha rude imaginação não o consegue.

Por exemplo: foge um preso da cadeia, o carcereiro é suspenso, responsabilizado e processado; dias depois fogem cinco presos e o carcereiro substituto é conservado em santa paz fruindo as propinas do lucrativo logar. O que quer dizer isso?

Será porque o Trigueiros é mais feliz que o Custodio?

—Homem, na verdade, isso é um dilemma tão intrincado, que só o proprio chefe de policia o pode explicar.

—Um dos tarapios que bifaram a Imagem do Deus Menino na Conceição, foi grudado.

* —O grumete José Gabriel passou as *lossas* no melcorio dentro do botiquim do finado Barata, na Praça do Palacio.

—Bem; mande elogial-o por sua actividade.

—Marcos Rabeca por fim mostrou á policia de quanto era capaz!

Depois de haver esse campeão commettido immensas proezas, as quaes chegavam aos ouvidos da policia, sem que essa se movesse de seu lethargo, o *intrepido*, animado pela impunidade de suas façanhas, sahio com uma faca de ponta e foi espetal-a n'um seu visinho.

—Deixe estar que agora a policia ha de fazer alguma cousa.

—O que podia ter feito antes, para prevenir o mal.

—Sr. A. K., si o seu artigo não tem sido publicado, é apenas por falta de espaço.

—A policia deve estender os olhos até a Fonte Nova.

Alli ha constantemente desordens, promovidas pelos pretos, que vão buscar agoa.

Ainda no domingo um crioulo ia matando outro.

—Porém não matou.

—Desfechou no outro duas horriveis

cacetadas que fizeram duas enormes brechas e o estenderam no chão sem sentidos, e depois deu de gambias pela Fonte das Pedras a fóra.

—Cousas do pouca monta. A policia anda occupada com negocios serios.

—Que excellente anno bom ia tendo o José Antonio Gomes da Cruz!

—Quem é esse individuo?

—Um sujeito, que tem venda na Ordem 3.^a.

—Sei quem é. Que aconteceu?

—Um preto africano, de nome Mamede, escravo de um Sr. Machado, morador ao Rosario, muniu-se de uma formidavel *lambeteira*, e foi esconder-se por detraz de uma barrica na mencionada venda, com o intuito de roubar.

A' noite, sendo descoberto na occasião de fechar-se a venda, lançou-se com unhas e dentes sobre o homem, que seria victima, si não tivesse bastante coragem e sangue frio, para luctar com o atrevido preto.

—Não é a primeira vez, que naquella venda se dão casos tristes. Já alli mataram um caixeiro, e ha cerca de dous mezes, foi ella roubada.

—No dia de Anno Bom, fez-se por mar a procissão do Senhor dos Navegantes. Houve grande acompanhamento.

—É muita camueca, como é de costume.

—Sem embargo do que, não houve facto notavel a lamentar-se.

—Apenas uma crioula tomou um banho salgado, occasionado por uma corda do vapor; o que não foi la muito agradavel para ella.

—Felizmente, apenas teve o prejuizo de molhar os *balões*, por que foi salva.

—Bom, bom.

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Rodizios de proa.

3.^a CARGA.

O Barbosa, sponte sua,

Em apostolo se arvorou,
E para a ponte d'allandega
Direitinho caminhou;

E com o maior cynismo
Foi pregar o spiritismo.

E vieram muitos peixes,
Ao mando de um tubarão,
Escutarem submissos

O—Spirita pregão—;
Que, por artes do demonio,
Quiz imitar Santo Antonio.

Mas, apenas puchou elle,
Pela psychologia,
Sentiu nas costas bater-lhe
Uma taca que zurzia:

Era o nosso muxingueiro
Que esfregava o bregueiro.
Allan Kardeck.

A PEDIDO

—Não tenho pena do Sr. Olympio
Boi!

—Porque? . . . meu estado não é
dos melhores.

—Ande lá, maganão!

Está V. saboreando um *bom bocado*.

—Eu?! Enganou-se.

—Então, julga que, por ser a *fructa*
prohibida, não se sabe de tudo?

Outras cousas mais occultas e feitas
com mais recato, descobrem-se, quan-
to mais isso, que é feito com algum
escandalo.

—Estou alheio ao que diz.

—Si persiste com mysterios, entorno-
lhe o caldo e V. não vae mais á calçada
do jardim alheio, *colher o pomo prohi-*
biado.

—Por quem é. . . .

—Ah! já supplica?!

Com tudo, vou avisar o dono do
pomar para estar alerta, afim do que
V. não esteja a comer *fructa* á barba
enchuta.

—Sr. Constante, Vm. tem um *tino*
admiravel para enganar os outros!

—Eu? O Sr. esta enganado.

—Enganada ficou a pobre crioula,
a quem V. logrou.

—Ou é do *Celeste*, que se parece

muito commigo e cujo *tino* diabolico,
para falcatruas, é sem exemplo?

—Deixe-se de partes, meu esporto,
é V. mesmo, que, quando morador
com o Souza na rua do *Santo da*
Balança chamou a pobre crioula Mar-
colina para lhe amamentar seu filho,
o que ella fez por espaço de 15 mezes,
sem que V. lhe desse real, e por fim,
quando ella pediu seu suor, V. a
insultou, descompoz, e quiz até dar-
lhe.

—Não é commigo; eu não moro em
ruas de *Santo de Balança*; moro na
freguezia do *Segura-Parede*, rua do
Xico Xico.

—Mudou-se depois, meu tratante;
isso é subterfugio de velhaços. Nem
pela pobre mulher crear seu filho,
V. não se compunge, e quer assim
descaradamente sugar-lhe o sangue?
Ora tenha vergonha.

—Quem não tem, não pode pagar.

—Nem tambem faz luxo. E depois
quem não pode, tem tres amas? Não
vê V. que isso é demasiado para as
posses de um simples caixeiro?

Não quero mais historias. Ordeno-
lhe que pague á pobre rapariga den-
tro de 8 dias, sinão quer levar muita
tacada nessa cara, e ser demittido
do trapiche.

—O' lá, meu rico?

—Que manda, meu capitão?

—Porque não se contenta com a
carne de sua carne, a costella de sua
costella e o osso de seu osso, e anda
a requestar a *serva do Senhor*, sem
se importar com as injurias acerbadas,
que lhe atira a visinhança, indignada
por tão reprovavel procedimento?

Porque não deixou a santa mulher
na *solidão*, aonde estava, e foi bus-
cal-a para sua casa, para ahi querer
cevar seu lascivo desejo?

—Capitão, eu lhe explico o que ha:

A humilde *serva do Senhor* vivia na
solidão sempre adocentada pela humi-
dade; encontrei-a nesse estado, e por
charidade trouxe-a para minha casa,
por ser uma rua *calçada*, aonde ella
necessariamente passaria melhor. As

más linguas, agora andam a dizer cousas que não são verdade.

O que tom ellas com a vida alheia? Para que se intromettem com os negocios privados das familias?

—Vida privada!

O esposo adúltero que, não respeita sua mulher; que no proprio lar conjugal requesta a *esposa do Senhor*, vem fallar em vida privada! Deixe-se disso, meu rico.

—Capitão, para evitar duvidas, vou mandar a mulher para sua *solidão* em que estava.

—Faça isso, o diga que eu lhe engano.

NEGOCIOS DA PROVINCIA DO ARROZ.

SANTO LULU, 3 DE DEZEMBRO DE 1866.

Isto por cá, vae de mal a peor!

O grupo *estrellado* domina o governador *Souza* e o *Carvalho*, de quem os conservadores honrados estão já separados.

Deram no fraco do joven *tresfego*, que já *governou* uma *alagoa*, e metem-no em *carraspana*, para o que inventam quotidianos pagodes, e nesse estado o José *Sigano* dos *Boisinhos* arranca daquella desmiolada cachola quanto disparate ha.

E' uma reacção espantosa!

Até o musico estrangeiro *Jamjão Zegler*, que era mestre de piano das filhas do *Mariani* e das do incestuoso José *Sigano* com a irman, ja esta commandante da policia!!! Meu amigo, si o governo não lançar os olhos para este torrão, ai da ordem e tranquillidade!

Em *Vi Anna* ja houveram facadas, tiros, espancamentos, etc., por causa das nomeações *Estrellas-Carvalhinhas*, como la as denominaram.

As eleições estão perdidas, porque o *tresfego* quer enganar a todos e todos estão de acordo a darem-lhe de taboa.

Sem proceder na forma da lei, foi ao quartel da *guarda civica* destacada ha mais de anno, o ahi commettou quanta doudice se pode imaginar; separou metade das praças, mandou prendel-as, e dar-lhes fardamento.

Porém tudo aquillo foi palhaçaria e redundou em desfructo; porque as *metretrizes* iam a palacio á noite em companhia do incestuoso e do *Zé Cupicaba* e a troco de empenhos iam soltando um por um.

Um periodico *apreciavel*, redigido por um militar crespo como *jacarandá*, era o unico, que elogiava ao *tresfego ex-governante* d'uma *alagoa*, mas foi pelo *Souza* e o *Carvalho* atraicoado, e em desforço tem dito verdades bem darras, que ficam sem resposta, porque na verdade são irrespondiveis.

Não sou amigo desse militar, mais não posso deixar de fazer honra a seu character sincero e á sua firmeza de principios; é um conservador, que honra as fileiras de seu partido.

A *Estrella* não pode ver com bons olhos a esse distincto character, uma vez que elle não se quer prestar aos seus manejos.

Chegou o Dr. *Bello-forte*, que estava em *Tavares* e appareceu logo uma *coalicção* em opposição ao *tresfego* ex-governante de uma *alagoa* e actual desta infeliz terra do arroz.

Ha muita falta de moralidade aqui e, si o *chupista Souza* e o *Carvalho* não forem substituidos, a cousa ira de mal a peor; esse mamarrote já está com as boxexas inchadas por effeito do alcool.

O vapor *Para-nada* quebrou as rodas e la foi para o concerto; por isso, esta não sei quando irá afim de ter passagem no seu *Alabama*. Si merecer as honras da publicidade prometto-lhe continuar no mesmo gosto.

ANNUNCIOS.

BAILE PASTORIL

NO SALÃO

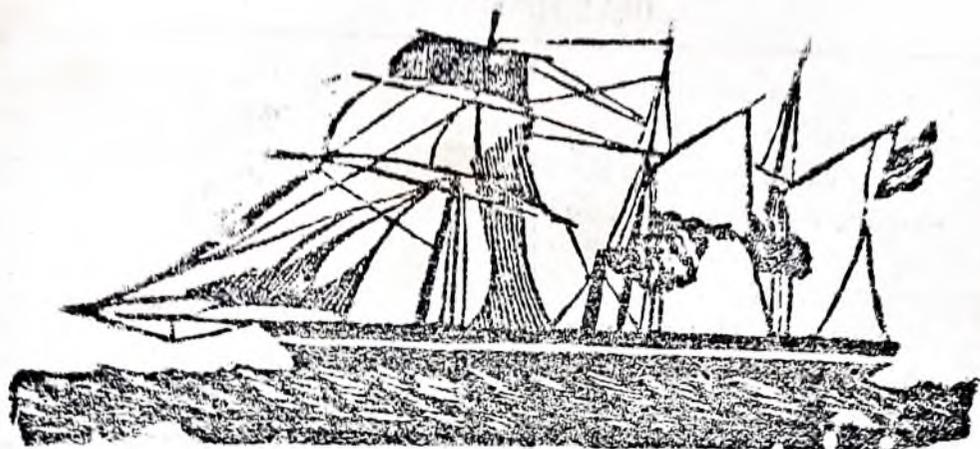
DO HOTEL FOLLEVILLE.

HOJE 3 DE JANEIRO.

Entrada 1\$000 rs.

Os bilhetes podem ser procurados em mão do administrador Eduardo de Abreu Contreiras aos Barris casa n. 32.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 5 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 13.^a—Ns. 147 e 148

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1867.

Offício ao Illm. Sr. subdelegado da Sê, chamando sua attenção para o triste spectaculo que reproduz-se todos os dias nos arcos da casa da camara á Praça de Palacio, entre duas mulheres á quem os moleques chamam *Mata-cobra*—e sua filha, e os mesmos; não sendo possivel á uma guarda, que ha ahí evitar a assuada: e como ha uma casa de asylo, destinada á gente nas condições dessas duas mulheres, pede-se a S. S. que sem demora as faça recolher á refrida casa: o que espera-se do zelo de S. S. pelo serviço publico.

—Morre um enfermo sem os socorros da religião, porque não ha um padre, que se queira prestar!

—Onde viu V. isso?

—Eu não vi; me contaram.

—So se deve affiançar o que se vê.

—Mereço me muito credito quem me disse que, estando uma senhora de parto e em perigo de vida, ha tres dias, na baixa do *Mausm*, pedira confissão; chamou-se o coadjutor e este disse que estava occupado; pediu-se a ou-

tros sacerdotes, que por charidade fossem socorrer a enferma e todos se negaram. Decorreram tres dias nesta alternativa e na occasião, em que o sacerdote, por muitas instancias, se dignou ir a mulher expirou!

—Como cumprem elles os preceitos do Divino Mestre!

—Si fosse para confessar a mulher de algum barão, elles iriam até com as calças na mão.

—A companhia do Gaz tem produzido nestas noites eclipses, em diversos pontos da cidade!

—Ainda hontem o Maciel de Cima, beccos do Açouguinho e Viva Jesus, estavam em completa treva.

—Na quarta feira foi a rua do Tijollo e diversas nas freguezias de Santa Anna e S. Pedro.

—Faz ella muito bem; andar assim, que é bom andar.

—Até dentro do sanctuario e ante o nada do tumulo, porcas preferencias, mesquinhas bajulações!

—Não comprehendo o que Vm. está dizendo.

—Pois eu lhe explico. Fui convidado por um amigo, para assistir a uma missa com memo'n'o, por alma de um seu parente, no convento dos religiosos

franciscanos, ás 8 horas. Lá me apresentei, e, depois de acabada a missa, fiquei eu e os mais convidados de tocha na mão, a espera, fazendo figura de bobo.

— E porque esperavam?

— Que se celebrasse missa, por alma de um outro defunto de mais *categoria*, e que, depois de acabado o santo sacrificio, se resasse primeiro o memento por esse, cujos parentes são de mais elevada posição, que o meu amigo.

Para que essas ridiculas contemplações, praticadas pelos ministros de uma religião, que ensina a egualdade e charidade?

— Meu amigo, neste mundo vale quem tem; si os frades fizeram isso, não foi em attenção ao morto e sim a seus parentes; pelos santos beijam-se os altares.

Não ha quem não carregue o fihinho do Sr. commendador fuão do Sr. conselheiro sicrano, mas ninguem pega no filho do pobre, com medo de que lhe mije.

A PEDIDO

(O brigue *Agosto Pequeno*. — Capitão *Dias*. — Proccedente de *Lima*.)

— Aspirante!

— A's ordens.

— Mandé deitar o csealer n'agoa, e preparar a gente para abordagem.

— Já está tudo previnido.

— Então deita a proa ao brigue.

— Onde está o capitão deste velho casco?

— Eis-me aqui.

— O' lá! . . . temos em frente uma rochunchuda figura, á tacão de bota . . . a perfeita caricatura do cynismo . . .

Então, meu velho pirata, anda V. por esses mares a rapinar, tudo que encontra?

— Capitão, para lhe fallar verdade, eu sou mais pirata em terra do que no mar.

— Isso creio eu; tanto que ja lh'o ia dizer.

Porém diga: o que leva mais no seu navio?

— Toda a carga foi a que manifestei a V.Ex.

— E nada mais?

— Nada.

— Rapazeada, uma busca la por baixo, á ver o que encontram de mais.

— Capitão, dê licença que eu aempanhe essa gente para que não me desarrange a carga.

— Não se incomode, meu velho lorpa, a tripolação é discreta, e sabe o que faz. Deixe se ficar no convez.

— Capitão, além da carga manifestada, apenas encontramos estas latas muito bem acondicionadas no belicho do capitão *Dias*.

— O que contém estes caixões, meu velhaça?

— Cossa de pouca valia, não vale a pena mencionar.

— Diga lá o que é.

— *Etiquetas* para caixões de sabão e *rotulos* para frascos de drogas.

— Onde foram fabricadas?

— No porto de uma cidade.

— A quem são endereçadas?

— São para uso de minhas fabricas.

— Rapazeada, abram ahí uma lata dessas.

— Aquí está o conteúdo.

— Otélé! . . . são importantes as taes etiquetas.

Sr. immediato, leia aqui.

— «Imperio de Latronopolis. No thesouro nacional so pagará ao portador deste . . .»

— Basta; não é preciso mais.

Aspirante!

— Prompto.

Mandé metter esto bregeiroto em ferros.

(*Continúa.*)

— O Evaristo Gomes, acndiu á espora com uma resposta de cabo de esquadra.

Quer que o informante da noticia, do que elle maltracta a menina, appareça.

Não tem nada uma cousa com outra.

O Sr. Evaristo é que em abono de

seu credito tem obrigação de apresenter a menina á authoridade competente para provar a falsidade da informação.

Porém disto não foi capaz.

Ahi estão os moradores do lugar para dizerem a verdade, si ella era constantemente espancada ou não.

Depois da noticia é que o Sr. Evaristo moderou-se um pouco.

E o mais é que a tal noticia fez algum beneficio á menina, porque além de aliviar-lho a pelle do latego, no dia de Natal ella appareceu vestidinha, o que não era de costume, tanto que os vizinhos diziam—o *Alabama* é quem fez aquillo.

O informante morador ao Neves do Castro.



—Capitão, eis aqui o bebado da *Quinta*; encontrei-o na praça, lançando a sua envenenada e nojenta haba sobre um moço, que não se lembra deste safado!

Diz que quer guerra e guerra de extermínio!

—E quem vae guerrear com um filho, que foi lançado para fora da casa paterna, porque o pae o julgou a injuria da familia!

—Que quer guerra e que—as suas unicas palavras serão guerra!

—Olé! Chega-te para mim, ladrão caloteiro, mau amigo, etc. etc.

—Capitão, V. Ex. não prova tudo isto, que diz de mim.

—Pois bem: eu te chamei ladrão, vou proval-o:

Dize-me cá; um homem, que escreve uma porção de calumnias contra uma pobre senhora casada, cujo marido se acha ausente, e manda este escripto para ella dar-lhe dinheiro, o que será?

—LADRÃO!

Um homem, que faz artigos contra

um proprietario, porque não lho quer dar as chaves de sua propriedade, e que manda pedir por estes artigos—duzentos mil reis—que nome mereço?—Ainda o do LADRÃO!

E ainda não será LADRÃO um homem, que escrevo contra um negociante, que *vende barato para vender muito*, e manda-lhe os escriptos, dentro de uma carta, para elle pagar o que valerem as calumnias?

—Capitão, isto é de mais!

—Cala-te, bebado, que ainda não provei tudo!

A carta, dirigida por ti a este negociante, existe em meu poder.

Chamei-te caloteiro, vou proval-o:

Lembras-te de quando imprimias na typographia de M., A. & C.^a o pasquim dos criticos?

—Lembra-me; sim, senhor.

—Pagaste o dinheiro da impressão?

—Não, senhor.

—Então, está provado que és CALOTEIRO!

Chamei-te mau amigo, porque certo conselheiro, te encontrando todo esfarrapado, pelas ruas desta cidade, e te mettendo dentro de sua casa, dando-te as suas roupas velhas e as migalhas de sua meza para te matar a fome, teve depois em recompensa uma chuva de descomposturas!

Isto é mais que infamia!

Mau amigo, ainda, por que és um infame, que, tendo mandado diversas vezes pedir ao Aristides dinheiro para matares a fome, publicaste contra elle uma bamboxata, onde tu dizes no primeiro periodo que—«o salteador da honra alheia, é o precioso thesouro do homem educado e illustrado!» Ora, por ahí se vê a força da cachaca, que te pesava na cabeça na occasião, em que escreveste semelhante asneirada!

Com quem aprendeste a ler?

—Eu cá não precisei de mestre, porque, graças a Deus, tenho alguma intelligencia.

—Forte egua—és um camello e camello quadrado: camello no moral, porque não tens moralidade alguma; camello no physico, porque essa immensa pança dá uma perfeita ideia

da juba do animal arabe, e só te faz mossa a dor do açoute no costado, ou o bofetão nas ventas; camello na vontade, porque acompanhas, como um cão, a quem te dá com que matar a fome e satisfazer aos teus deboxes; camello, finalmente, na intelligencia, porque nem portuguez tu sabes, e te mettes a lettrado.

—Isso é que o Sr. não prova.

—Serio? Pois escuta—lê este artigo teu.

—«Quer guerra?

«Por S. Aristides terás.....»

—Basta. Qual é o agente *de quer e qual o de terás?*

Continúa.

—«..... salteador da honra alheia, precioso thesouro do homem educado e illustrado.»

—Muito bem. Quem é o *precioso thesouro?* E' o *salteador da honra alheia?*

—Vamos adiante.

—«Quer guerra?

Por S. Aristides terás azemola.....»

—Assim, assim: ainda que já tenha aonde metter-lhe o nariz, e o teu bello costado para andar montado, aceita o presente para fazer uma parelha.

Lê mais ainda.

—«Si pensas miseravel.....»

—Como é que se *pensa miseravel?*

«... mancomnar-te.....»

.....
pequinhez de tua educação.»

—O que é *pequinhez*, heim?

—«Os homens & & nojento.»

—E' assim que se escreve *nojento?*

—«Ide miseravel levantador.....»

—O que quer dizer isto? Que é da virgula?

—«Continua estúpido capacho...»

—Como é que se *continúa* (ou *continua*) estúpido?

Volta, um pouco.

—«Seus actos quer publicos.....»

—Ora, este *quer* é conjunção ou verbo? Si é conjunção, que é da virgula antes d'elle? Si é verbo, o seu agente será *seus actos?*

—«..... é incapaz do praticar as infamias, que com prazer te interes-

saste para que o escripto sahisse. . . »

— Aquelle que é conjunção, ou relativo? si conjunção, a quo vem elle aqui? si é relativo, de quem é attributo ou sujeito?

— Lè mais atraz um ponco. . . . »

— cuja educação e principios estão a perder de vista de semelhante bipede. . . »

— Agera acertaste: a tua educação está muito longe da d'elle, que está é de bipede e a tua é de quadrupede. . .

Dizes mais que o Aristides recebeu 20\$ de um maroto, para gastar com a Felismina. E' verdade; depois que elle perdeu a pata, que te poz, e deixou-se de gastar comigo, recorreu á Felismina, meretriz, que tem mais pudor no c. . do que tu nesta INFAME cara!

E que mais tenho eu que dizer a um Lebado?

E' mandar o muxingueiro metter-lhe o chicote nesta INFAME cara!

Muxingueiro, leva este safado para a rua, em que houver mais poeira, e lá da-lhe mil chicotadas na deslavada cara; depois colloca-o na praça mais publica desta cidade, afim de que os moleques cusпам-lhe na INFAME careca!

— Que borracheira estão a tomar aquelles quatro mamarrotes!

— Um padre e tres meliantes mais.

— Comem um temperado de feijões verdes, e entornam no bucho a branca *gropiga* e o amavel Figueira.

— E que diabolica assuada fazem os laes *xilradcs!*. . .

— Bebem em estrepitosa algazarra, zombando do pobre, que cahiu na asneira de trabalhar para elles acharem, e a quem chamam de bobo.

— Que patifes!

— O padre está que não se lambe.

— E o Luiz não está menos.

— Que larapio coroadado!

Além de enganar o pobre homem, que em boa fé trabalhou para elle, ainda reúne tres beberretes para embriagados, escarnecerem de quem foi illudido por um velhaco, por julgar que tratava com homem de bem.

— O Luiz ja não pode aguentar a cachaca, que tem no bucho e despeija fora.

O França dá urros como um burro.

E o Guimarães, por ser mais forte ainda esvasia a ultima garrafa de cachaca.

— O padre quer montar a cavallo para ir ao *Cabulla* e cabe redondamente no chão.

— Só o muxingueiro do *Alabama*, com a sua taca seria capaz de acabar com a bachanal daquelles quatro safados.

VARIEDADE.

LADAINHA DE TRES DIABOS.

Do carrancudo letrado,
Que a todos acha justiça,
E que para pleitearem
As proprias partes alicia:
Libera nos, Domine.

De repimpado escrivão,
Que sempre demora os pleitos
E quer seja pró, quer contra,
Acha em tudo certos gritos:
Libera nos, Domine.

Do procurador que affecta
Andar daqui para alli
Em serviço do cliente,
E só procura p'ra si:
Libera nos, Domine.

De magistrado *in totum*,
Que não cumpre seus deveres,
Mofando sempre das leis
Fiado em seus poderes:
Libera nos, Domine.

Al! tambem por piedade,
De trombudos deputados,
Que sevem na assembléa
Só p'ra darem—apoiados:
Libera nos, Domine.

De boticario que nunca
Recituário engeita,
Dando umas drogas por outras
Para aviar a receita:
Libera nos, Domine.

Do sacerdote, a quem chamam
Para alguem ir confessar,
E pergunta ao penitente
“ Você quanto me ha de dar?
Libera nos, Domine.

Do musico que somente
Vae ás funcções por dinheiro,
E quer com ar carrancudo

Que o roguem muito, primeiro:
Libera nos, Domine.

Do homem de cas, e casado,
Que a moral deve respeitar,
E que com todo o escandalo
Faz acções d'envergouhar:
Libera nos, Domine.

Do empregado subalterno,
Que parece um santarão,
E na ausencia dos superiores
Os tasquinha sem compaixão:
Libera nos, Domine.

Daquelle que em sua terra
De *magarefe* não passaria,
E que já mais se conhecendo
Quer fallar em *Maconeria*:
Libera nos, Domine.

(Extr.)

HA-AS ASSIM.

Foi uma mulhersinha um dia ter com o
sachristão da freguezia para saber quanto
custaria o enterro do seu defunto marido,
e dirigiu-lhe a palavra nos seguintes termos:

—Diga-me, Sr. Francisco (que assim se
chamava o sachristão) em quanto importará
um enterro para meu marido, não sen lo
lá muito pomposo?

O homem reflectiu dous minutos e res-
pondeu á celebre viuvinha:

Não sendo de luxo poderá custar-lhe
uns 50 patações.

—Ora adeus, respondeu a viuva. Tanto
não valia elle em vida!

GRANDE DITA.

Si me amaras, menina:
Si eu tivera essa dita,
Esta palavra:—eu te amo,
Tambem por mim fôra dita.
Porém, si a dita dita
Não tenho, vê e medita
Si queres que a sobredita
Por meus labias seja dita.

ESTA É FORTE.

Um ministro d'estado, estando uma
noite deitado, ouviu rumor perto de si,
e levantando-se sobresaltado chamou to-
dos os seus creados, que acudiram com
luzes aos gritos de S. Ex.

—Procurem tudo, gritou elle. Procurem
porque dentro deste quarto está um ladrão.

Os creados assim fizeram; porém por
mais que procurassem ninguém descobri-
ram.

Mas o amo continuava a gritar:

—Dentro deste quarto está um ladrão.
Por ultimo adiantou-se o jardineiro, e
respondeu-lhe com a maior fleugma:

—Affirmo-lhe que dentro deste quarto
só está V. Ex.

Que diria o nosso amigo?

E' o que não conta a chronica.

MULHERES INSUPPORTAVEIS PARA CASAMENTO E PARA A SOCIEDADE.

Mulher, que presume formosura.

Mulher, que blasona de atilada.

Mulher, que conversa em politica.

Mulher, que morre por dançar.

Mulher, que tem intimidade com beatas.

Mulher, que gosta de linguas.

Mulher, que passa letras, e repete poe-
sias.

Mulher, que traça a perna para mostrar
o pé bonito.

Mulher, que assiste a enforcados, e vae
a leilões.

Mulher, que falla muito em honra, e
em honestidade.

Mulher, que chama sempre pelo diabo.

Mulher, que conversa muito com a vi-
sinhança.

Mulher, que abre a janella de noite
para ver quem passa.

E tes dez predicados se encerram em
dous: juizo mesquinho, e falta de ensino.

ANNUNCIOS.

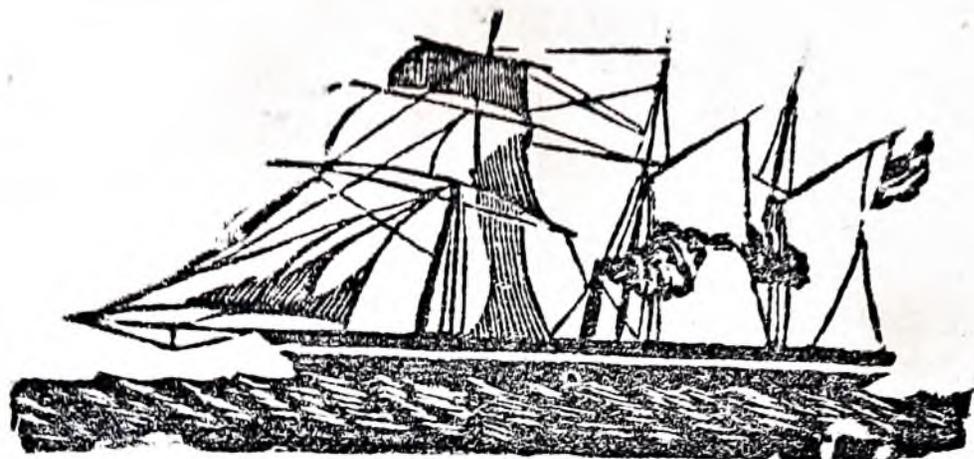
AOS SRS. ASSIGNANTES.

Apezar dos esforços empregados,
não foi possível concluir a impressão
do quadro dos caloteiros, tratantes,
mal-casados, marialheiros, etc., e, por
isso, sahirá até o dia 15 do corrente
dos prelos lithographicos do Sr. Odilon,
esse importante quadro contendo para
mais de 800 caricaturas.

Muitos dos taes andam desesperados
a correr com a ideia de verem a sua
magna p'osaipa estampada, nesse
quadro. Tenham paciencia.

Luiz Ferreira de Souza, armador,
mudou sua residencia da caza á rua
dos Marchantes, para o sobrado n. 32
á rua da Cruz do Pascoal.

Está exposto á venda na loja de li-
vros do Sr. Martin, ao largo da Praça,
a nova modinha brasileira intitulada
—**Nada possuo neste mundo,**—
por José Bruno Correia. Preço 1\$.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

9 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 15.^a—N.º 149

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 8 de janeiro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, partecipando-lhe que nos informam que, nessa repartição sofre a fazenda grave lesão nos direitos, que devem pagar certas drogas e substancias mineraes, pela *minestra* de que usam, alguns especuladores, de despachal-as com nome supposto, aproveitando-se da impericia dos agentes fiscaes na materia. Por exemplo: a morphina e seus saes, a atrophina e seus saes, o valerianato de quinina, o iodureto de potassio, dito de sodio, dito de chumbo, dito caducio, dito amoniaco, acido citrico, etc.

E outras muitas substancias, que seria fastidioso enumerar, as quaes devendo pagar altos direitos, vem com o nome de substancias semelhantes em seus caracteres physicos, porém cujo valor é nenhum no commercio, a fim de reduzir a cifra dos mesmos direitos.

O opio vem envolvido nos caixões de catto.

E, como conste, que breve está a chegar um carregamento de taes substancias, onde talvez, não é certo, se queira empregar semelhante dolo, pro-

vine-se a S. Ex., assim de que na occasião de serem despachadas, as mando S. Ex. examinar por um perito na materia, para evitar que não seja a fazenda tão fraudulentamente lesada.

— Isto é que é cassuar redondamente com o publico!

E só nesta terra se tolera tamanho desaforo!

— Que novidade ha?

— Ha muitos dias, que os jornaes convidavam ao publico para uma viagem a Itaparica no dia 7 de janeiro, no vapor *União II*, que devia largar deste porto as 8 1/2 horas da manha.

No dia indicado mais de 30 pessoas apresentaram-se no caes para embarcar. Souu a hora marcada e nada de vapor.

Depois de muita demora, appareceu um individuo, com ares de sultão das *alvarengas* e disse, não ha mais viagem — porque os passageiros são poucos; o vapor vae rebocar *alvarengas*.

— Isto é ludibriar ao povo.

— Em outra parte a policia não obrigaria áquelle enfatuado, á mandar sahir o vapor?

— Sem duvida. Com o publico não se manga.

— De maneira que muita gente que tinha ido na vespera, e la se deixou ficar contando com o vapor, levou o

mais solomno logro que se pode lidar.

—E vão ver que daqui a alguns dias, elle annuncia outra viagem.

—Que diabo do *brosquilhada* é uma entre o Fausto e o Jurema?

—Eu sei, heim!

—Ambos annuciãam que estão em exercicio do juizado de paz da Conceição da Praia; é como se costuma dizer —dous cães á um osso.

—O que me disseram foi, que o Jurema ja serviu um anno no impedimento de outro, e agora quer servir por si.

—Bello! então, quer fazer por dous! Si assim é, o moço tem o dom de reproduzir-se.

—São questões de *influencias electoraes*, nas quaes não me metto. Só o que não achei bom foi o annuncio do Sr. Jurema.

—Então porque?

—Achei um annuncio assim á laia capadoçal, o que não condiz com a gravidade de uma authoridade.

—Não ha quem acabe com aquelle escandalo dos escandalos!

Nem por ser defronte do palacio da presidencia!

Aquellas duas pobres mulheres a quem chamam *Mata-cobra*, vêm-se atropelladas noite e dia, por uma catterva de moleques e pretos, e uma malta de capadoeios e vadios, e furiosas, fazem um alarido insuportavel.

—Mas o que quer Vm. que façam as authoridades?

—Não temos uma Casa de Asylo?

—In nomine. Um pavimento immundo, sem regimem, sem um administrador permanente, onde vão á noite dormir alguns desgraçados, que de manhã sabem para esmolar a charidade publica.

Mande a authoridade para lá as *Mata-Cobra*, e no outro dia ellas estarão na Praça fazendo algazarra.

—E o hospital de charidade?

—Peior um pouco. Os doentes são de lá despedidos em convalescencia pelas irmans da charidade, quanto

mais para receber quem está são.

—Mas ellas podiam entrar para alli como mentecaptas, não ha lá um lugar para doudos?

—Não ha mais commodos para doudos; e depois seria uma tyrannia a authoridade que as mandasse para lá, por que era o mesmo que tirar-lhes a ultima scentelha de juizo que ainda lhes reste; tal é o bom tratamento que alli se dá.

—Neste caso, não ha meio de se prevenir um spectaculo tão tristes e repugnante?.....

—Pergunte aos nossos paes da patria.

—No entanto, houve quem desse 80:000\$ rs. para um azylo de pobreza!.....

—Afinal, hoje 8, retiraram as *Mata-cobra* dos arcos da cadeia.

Foram conduzidas para o hospital da Santa Casa.

Ao menos vão descansar da roda-viva em que as traziam os capadoeios.

Não sei quem alcançou isso.....

—Dizem que por condescendencia, e so por condescendencia a S. Ex. o Sr. presidente da provincia, foram ellas recebidas na Santa Casa.

—Tambem me disseram que S. Ex. estava disposto á fazer qualquer despeza, com tanto que livrasse as pobres mulheres das importunações dos vadios.

—A policia deve tomar uma providencia qualquer, afim de impedir a immoralidade de andarem deitando cadavres de crianças, pelas ruas.

—Qual policia! a nossa policia não é para estas cousas.

—A frequencia com que se dão semelhantes factos, denotam o estado de depravação, que lavra nesta sociedade corrupta.

—Deu-se algum facto destes, recentemente?

—Ainda no dia 7, amanheceu nos Coqueiros, da freguezia de S. Pedro, um destes infelizes, envolto em uma porção de pannos.

—E é preciso notar, que nem sempre taes crimes, são praticados por uma desgraçada, a quem a necessidade obriga a tanto. Muitas vezes, é obra de uma mulher bella e altiva, e que, horas depois de perpetrá-lo, fassêa airesamente em nossa aristocratica sociedade de mascara descoberta, inculcando-se *donzella* e *virtuosa*, quando não passa de uma miseravel mulher, que para encobrir um erro, praticou tão enorme atrocidade!

Impenitentes! são grandes no erro, e pequenas na abnegação; sentem-se fracas para arrostar a humilhação a que a sociedade as deve condemnar e lembram-se do crime, e time imperdoavel! porque si o egoismo banal da sociedade é uma pena severa, ha muito quem se saiba condoer dos infelizes, e se lembre que a fragilidade humana é quasi uma lei, sinão um destino, que pesa sobre a creatura.

A expiação é a sanctificação do erro; e si com o arrependimento, se pode remir a culpa, vale mais a mulher arrependida, do que... a que não teve valor para supportar a cruz do infortunio, deixando de ser Magdalena, para ser fera, trocando a vergonha, pela eterna condemnação de remorse eterno.

—Meu charo, deixe-se de moralisar e vamos ao caso. Então foi encontrado um menino envolto em pannos?

—E' verdade; pelo carroceiro da limpeza.

—E que destino teve?

—Não lhe sei dizer, porque não assisti ao resultado; porém é natural que a mandassem enterrar.

—E fica nisso... a policia não tem necessidade de saber quem é o autor de tão nefando crime, e por isso não pesquisa nem indaga.

A PEDIDO

SONETO

D. O. E. C.

ao bebado da Quinta.

Em charco immundo se creado tem,
BEBADO vil d'ignorancia tanta,

Que, toda gente, de o ver *s'espanta*,
Vendo a carreira em qu' a besta vem.

Devasso, infame, por qualquer *vintem*,
Soffr' o chicote, que se lhe *levanta*,
Mil bofetadas oh! é couza *santa*,
Nada o bebado, no impeto *detem*.

Com nome d'*escriptor*, oh! *atrevido*!
Um burro tão ladrão, vil, *rameloso*
Que das cocheiras, tacas tem *tangido*!

Pára a besta vergalho *vigoroso*,
E apoz o muxingueiro ler *zurzido*
O montem p'ra ver s'ind' é *teimoso*.

(O brigue Agosto Pequeno.— Capitão Dias.—Procedente de Lima)

—Capitão, o famigerado chefe dos piratas, está á ferros.

Deu-me o que fazer! Finalmente arrumei-lhe dous pares de machos em cada pé, e um *guncho* ao pescoço.

—Traga esse *corcoroca* para o convez.

—Aqui está o bicharoco.

—Aproxime-se minha velha raposa.

—Si a minha sorte, assim o quer, aqui me tem, Sr. capitão.

—Antes de tudo, quero ouvir a sua historia, e que destino o levou á passar moeda falsa, porque está claro que o conteúdo daquellas latas, não é, como mentirosamente disse, *etiquetas* e *rotulos* para caixões de sabão e frascos de drogas, e sim, estampas de moeda papel de Latronopolis.

—A minha historia é uma serie de escandalos e crimes, muito comprida, que enfastiará a V. Ex. o ouvir; quanto ao objecto contido nestas latas, não é mais do que a ambição de duplicar minha fortuna, quem me leva á isso.

—Por ser a sua historia um complexo de crimes e escandalos, é mesmo que quero ouvir-a minuciosamente. E advirto-lhe que seja fiel em sua narração, porque tem alli um individuo, chamado muxingueiro, que sabo arrancar segredos.

—Por tanto, veja o que faz.

—Já que V. Ex. quer, vá feito.
(*Continua.*)

VARIEDADE.

EMAVENTURANÇAS SÃO OITO.

- 1.º Bemaventurados são os que roubam, porque elles serão fartos.
- 2.º Bemaventurados são os que gritam, porque elles serão respeitados.
- 3.º Bemaventurados são os que reparam, porque elles serão protegidos.
- 4.º Bemaventurados são os caixeiros, por que gastam dinheiro por conta dos amos.
- 5.º Bemaventurados são os caloteiros, porque estão livres de fazer orçamento.
- 6.º Bemaventurados são os empregados das alfândegas, porque tem à mão tudo o que desejam.
- 7.º Bemaventurados são os actores, por que, sem revolução, chegam a ser ministros e reis!
- 8.º Bemaventurados são as moças bonitas, por que são sempre estimadas, sem terem outro valimento.

PRAZER DAS SENHORAS CASADAS

Pagar visitas de cerimonia sem levar o esposo.

Trazer consigo muitos brilhantes e ouro, ainda que tudo não esteja pago.

Contar ás conhecidas as advertencias que tem feito ao marido.

Queixar-se de estar magra pela grande lida que têm de governar a casa.

Felicidade pelo vinho.

Um sujeito, carregado de vinho como um odre cheio, depois de cambalear por algum tempo, ao sahir da taberna, cahiu n'um charco, e ficou-se a rir estatelado na lama.

Um cão, que o seguia a pouca distancia, entrou a lambar-lhe carinhosamente o rosto.

O ebrio julgando-se em casa do barbeiro da sua rua, fechou placidamente os olhos e disse bocejando:

—Mestre, deixe-me ficar o bigode.

Dez Reis.

PRAZERES DA NOITE.

Beber chá com torradas.

Coçar as pernas, quando se tira as meias.

Lavar-se em agua morna.

Tomar pitadas.

Dormir em colchão.

Sonhar com amores.

AO PUBLICO.

APROVEITEM.

Quem tiver desenho contendo a caricatura de algum caloteiro, mal-ca-

sado, etc., remetta a esta typographia em carta fechada, para ser incluído no grande quadro dos tratantes.

ANNUNCIOS.

Gratifica-se com uma colleção bur-
riscal do *Oculo Magico*, propria para
guardanapo de uso inferior, a quem
descobrir um individuo, que foi expulso
do Rio de Janeiro, pelo seu incorrigi-
vel e pessimo comportamento no *Cam-
po de Sant'Anna*, onde passeiava todas
as noites de lenço na mão; depois sen-
tou praça no exercito, *refugio* de todo
debochado e vadio. Consta-nos que este
cujo está agora na Bahia, e para facili-
tar sua descoberta, observem-se os se-
guintes signaes: — E' barrigudo, care-
ca, e os poucos cabellos, que lhe res-
tam, são grossos como os do porco;
quer ser branco, inculcando-se descen-
dente de uma nobre familia; gosta de
embebedar-se e de andar sempre de
palitot e calça rôta de um conselheiro,
que por esmola lh'os dá.

Este individuo é filho de uma cabra,
que foi escrava da fazenda dos Jordans
e foi educado com esmero na rua d'Al-
fandega da corte, onde em algum tempo
levou muita chicotada.

Quem o apprehender e levar á rua
que ha *poeira*, em casa do *Salvador*, ou
a loja de *correias* do *Alves*, receberá
do *Quinta* a gratificação supradita.

AO PUBLICO.

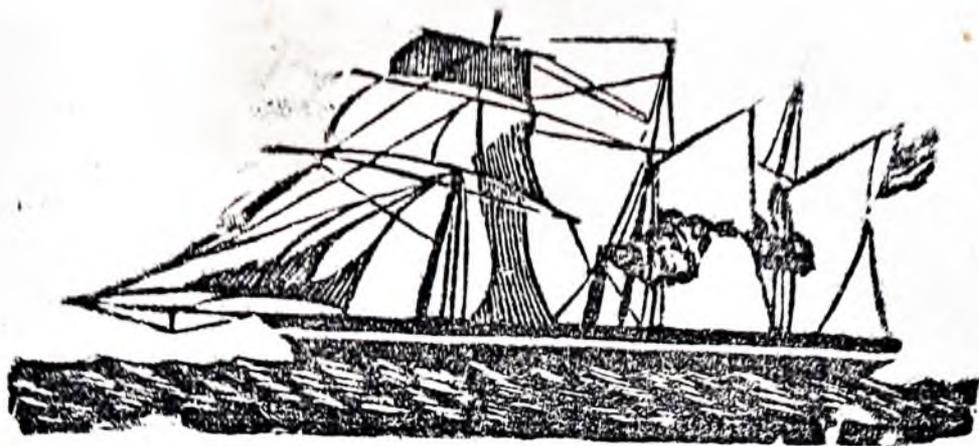
A Sociedade PRIMEIRO DE NOVEM-
BRO faz sciende ao publico, que os seus
Bailes Pastoris, são somente represen-
tados em casa de sua residencia, a La-
deira do Carmo n.º 40, nas noites de
quartas e sabbados, e não em casas
particulares, como se tem propalado.

Os bilhetes podem ser procurados na
supradita casa.

Santos Lima.

O professor Candido Ricardo de
Sant'Anna, faz sciende aos paes do
seus alumnos, que se acha leccionando,
desde o dia 7 de janeiro, na mesma
casa, á freguezia de S. Pedro.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

11 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 15.^a—N.º 150

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de janeiro de 1867.

Officio ao inspector do trem do mar de Latronopolis, pedindo-lhe esclarecimentos sobre o seguinte:

1.º—Si é certo, que nessa repartição ha um individuo, que, apesar de não ter officio, é comtudo considerado *mandante* do officio de S. José, auferindo, além de 3\$ rs. diarios e outras melgueziras, os juros de dinheiros, que empresta com uma agiotagem escandalosa, reduzindo assim, a officina a *casa de cambio*.

2.º—Si tambem é certo, que um empregado de sua secretaria tem a propina de fornecer o material que á mesma precisa, como livros, impressões, e o mais de que a secretaria necessita, vindo a resultar disso andar esse *empregado fornecedor* fora da repartição todo o dia, accumulando não só os lucros do emprego, como os do *fornecimento*. Do zelo, rectidão e dignidade de S. Ex. espera-se uma solução a semelhante pedido, afim de providenciar-se, no caso de ser exacto, e serem expulsos semelhantes expertos e madraços.

—E' imperdoavel o desmazelo da nossa camara e dos seus agentes!

A qualquer canto encontra-se a prova irrefragavel do deleixo com que procede a edilidade no interesse de seus municipales!

Os focos de infecção pululam dentro da cidade, a cada passo.

As buraqueiras, as immundices, os generos podres e falsificados, attestam a indiferença dos vereadores, para com aquelles, que os collocaram naquelle logar.

E o que é mais notavel é, que a propria camara é guarnecida de esterquilinios em seus cantos, parecendo, que se apraz em estar circumdada de cousas fedorentas.

Do lado da Ladeira da Praça, duas immundas boccas de lobo exhalam aromas, que não devem ser mui agradaveis aos narizes da Illma.; do lado de cima, na porta da venda do Coqueijo, ha um cano aberto na flor da rua, que está a transbordar, e cuja vista desafia nauseas ao estomago mais confortado, além do *agradavel* cheiro que rescende.

Os arcos por baixo da assemblea provincial tornaram-se despejo publico dos moradores de perto, e não é raro ver-se alli, em pleno dia, individuos, por detraz das pilastras, de

calças na mão, satisfazendo necessidades corporaes.

—Vamos a Pirajá domingo?

—Fazer o que?

—Assistir a festa do orago S. Bartholomeu, que é feita com estrondo: ha vesperas, e prega o Fr. Miguel; no exterior haverá leilões, machinas, botequins, fogo artificial e mais palacoadas do costume.

—Si houver tempo, la irei.

A PEDIDO.

—Vem ca, ó besta de dous pé!...

—E' commigo?

—E com quem ha de ser, sendeiro? E' contigo mesmo. Quero te mandar cortar estas safadas bitaculas á taca.

—Sr. *Constantine*, isso é muito arrojo.

—Arrojo é o teu, insolente sevandija, em andares perseguindo a honesta senhora, que por generosidade ainda não participou a quem te pode cortar de relho.

—Ah! já sei, são embustes do José.

—Animal immundo, quando o diabo te fez com essa figura rata, não foi porque fosseis boa rolha.

—Sr. *Constantino*, não acredite nas palavras do José, que é um perfeito intrigante.

—No tempo, em que has de empregar no teu repugnante modo de vida, como é o de *vender gente*, andas a importunar a moça, que não dá fé de ti.

Quem te authorizou a dizer que o José é quem conta as tuas bandalheiras?

—O *Ferreira*.

—O *Ferreira* que é da tua eguala, outro seductor como tu, pinto com fumaças de gallo, infame ratazana.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Leva este lorpa para bordo, e da-lhe 500 vergalhadas.

—Ah, Sr. capitão, e meu escriptorio?

—Que escriptorio! Uma 75.^a cafurna ás *Drogarias* tambem é escriptorio!

MOTTE.

*Sobre a pyra fumegante
Ardem ternos corações.*

GLOSA.

Disso um dia o deus tonante:
«O' minha chara mãisinha,
«Asse la, esta sardinha
«*Sobre a pyra fumegante.*
—Va-se dahi, sô tratante,
Disse a deusa das paixões,
—Leve dahi dous tições,
Asse a sardinha lá fora,
Que sobre essa pyra agora
Ardem ternos corações.

OUTRA.

Uma cosinheira amante,
Tão denguinha como bella,
Poz-se a cozer a panella
Sobre a pyra fumegante:
Amor chega nesse instante,
E dá-lhe dous cachações;
«Não tens lá fora tições?...
«Põe-te a andar, grande velhaca,
«Aqui não se cose vacca,
«*Ardem ternos corações.*»

—Aspirante!

—Prompto.

—Sabe uma roça, cujo sitio é tão fresco, quanto é *ca quente*?

—Ignoro.

—Sabe a fonte feita de pedras?

—Perfeitamente.

—Pois passe por ahí, entre pelo fundo de uma floresta, que fica fronteira, e de machado va derrubando as bastas arvores, que empatam o transito; como o caminho ahí é um pouco agreste, leve sua boceta para ir tomando pitadas, afim de suavisar o trajecto.

Quando chegar ao alto, procure o Antonio e faça-lhe ver o reprehensivel procedimento de seus aggregados, que costumam atirar pedradas em quem passa.

Diga-lhe que ainda no domingo pp., deu-se uma scena vergonhosa entre umas moças de sua casa e um mania-co de nome Belmiro, o qual, vendo-se atrapalhado de pedradas, que lho atiravam ellas, desabafava em dirigir-lhes

quanto nome porco ha com grave offensa da moral, além do risco que corria de sahir com a cabeça quebrada quem por alli passava.

—Que quer dizer isso, Dr.? V. sem camisa?!

—Deixe-me. . . . com a pressa com que sahi esqueci-me da camisa.

—Não creio que haja motivo, por mais urgente, que obrigue o Dr. a sahir às carreiras, sem camisa!

Aqui ha dente de coelho.

—Homem é que ha dias, bem o diz o *Andrade*, aziagos para uma pessoa.

—Isso está me parecendo que foi alguma surpresa.

Sabe, Deus si V. não cahiu n'alguma ratoeira d'onde, a unhas de cavallo, poudes escapolar deixando lá a camisa.

Ande lá. . . V vem tão esbaforido deitando alma pela bocca, como quem acaba de soffrer um grande susto; isso não pode deixar de ser consequencia de suas costumadas aventuras.

—Ja não sou quem dantes era. Desde o caso daquelle sujeito a quem causei *maximo* desgosto deixei-me dessas *conquistas*.

—Não venha com essas; porque logo que o homem vae para as *alagoas pequenas*, V. anda lhe farejando as portas até cahir dentro, onde permanece noites inteiras.

—Eu! um homem casado pernoitar fora de minha casa!

E' uma calumnia.

—Calumnia, o que todos sabem? Inda uma noite destas dois capadocios deitados na *calçada* da rua fallavam nisso.

—E' uma fatalidade que me persegue!

—Fatalidade são as suas extravagancias. . . E agora a me vender pomadas, que com a pressa esqueceu-se da camisa; quando V. nem de casa vem, porque sua casa não é deste lado.

—Seja o que o Sr. quizer; o que lhe peço é que me deixe ir adiante, porque não posso permanecer neste estado, publicamente.

—Va, meu *conquistador*, vá para casa vestir outra camisa, e estude lá uma desculpa para dar a sua excellentesenhora.

—Não se pode errear gallinhas na Calçada!

—Porque?

—Porque o moleque Justino jurou acabar com todas.

—Então rouba-as?

—Por um meio engenhoso: tem uma gallinha, a qual deita a brigar com as outras, e quando estão bem cansadas, elle carrega a que não é sua, que, pelo cansaço, vae sem gritar e dá com ella em casa, e dahi na panella.

—E a delle?

—Ja está acostumada e vae com seus pés para casa.

—Na verdade, não é má a industria.

—Esse moleque tem uma facilidade espantosa para ratonices. Inda ha pouco na ponte dos vapores praticou uma escamotagem admiravel.

—Ouvi fallar, n'um dinheiro roubado em que o subdelegado fez corpo de delicto.

D'onde é esse demonio?

—Da casa de um inspector de quartirão, onde a *Fortuna* anda e desanda.

—Vou mandar-me informar do *Nelson* que tambem mora lá e depois darei as providencias.

Mm. Sr. Manuel Pereira Guimarães.

—Em abono da verdade e de sua consciencia, declare-me, si não foi á casa de V. S. alguém pedir-lhe duzentos mil reis, que mandava o Sr. S. Correia Alves Quintanilha, para retirar certos artigos, que tinha contra V. S.; e como V. S. não os quizesse dar, si elle mandou ou não pelo Sr. Chuyas, pedir-lhe depois oitenta mil reis, ameaçando-lhe com a publicação dos ditos escriptos, no caso que es não quizesse dar. Permitta-me V. S. fazer de sua resposta o uso que n.e approuver.

Bahia 10 de janeiro de 1867.

De V. S. &

F.

Illm. Sr. F. — Como V. invoca a verdade em minha consciencia, para declarar si o Sr. Quintanilha mandou me pedir duzentos mil reis, para sustar publicações, que tinha contra mim, vou declarar o que se passou entre mim e mais pessoas, que na occasião se achavam presentes. Indo eu á casa do Sr. Dr. A., esse me pediu, á mando do Sr. Quintanilha, a quantia de cem mil reis, e não a de duzentos, como diz V. em sua carta, e eu respondi-lhe, que não dava um vintem para esse fim, e que podia publicar contra mim qualquer que fosse o escripto, porque sempre tive minha consciencia tranquilla. Depois mandou-me pelo Sr. Chuvás segundo recado, estando presente o Sr. cadete Carvalho, dizendo, que fazia esse negocio por oitenta mil reis, por que as publicações lhe rendiam mais de 200\$ rs., ao que o dito Carvalho respondeu que, visto a imposição, eu nada desse.

A minha intriga com o Sr. Quintanilha não é mais do que, eu não lhe querer entregar as chaves de uma minha propriedade, porque o fiador que o dito me dava, mandou pelo Sr. Carvalho dizer que não se responsabilisava por qualquer negocio, que com o dito Quintanilha fizesse.

Foi tudo quanto se passou em abono da verdade e minha consciencia, que sempre a tive, principalmente em casos taes; e no mais, pode usar desta minha resposta, como muito bem lhe aprouver.

Sou etc.

Bahia 10 de janeiro de 1867.

Manuel Pereira da Silva Guimarães.
(Está o reconhecimento publico.)

VARIÉDADE.

PRAZER DOS ESTUDANTES.

Dar quináu nos collegas.
Vestir roupa nova.
Arremedar os lentes.
Andar com factó esquisito.

ACTOS DE VEXAME DIABOLICO.

Receber hospede de cerimonia em casa de campo, estando a dispensa vazia.

Tirar a casaca, á vista de muita gente, e apparecer a camisa rola.

Passar por uma rua e ver na janella a moça que o recebeu em casamento, ou o desprezou no namoro.

Cahir um dente postigo, quando se está jantando em reunião.

Escorregar na rua, e cabir na lama, havendo moços pelas janellas.

Passar por instruido, perguntar-se-lhe a significação d'uma palavra e não saber responder.

Dizer que não deve nada, e d'alí a poucos instantes bater o caixaíro á porta para cobrar alguma quantia.

Passar o dia em casa de cerimonia, e ter necessidade corporal.

Chegar um visinho a janella'em occasião, em que se está fazendo acionação de namoro.

Pedir dinheiro emprestado, e não ser servido.

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

APROVEITEM.

Nesta typographia recebem-se retratos de todo e qual quer tratante, etc, para ser representado no grande quadro. Quem quizer aproveitar remetta o desenho em carta fechada até o dia 15 deste mez.

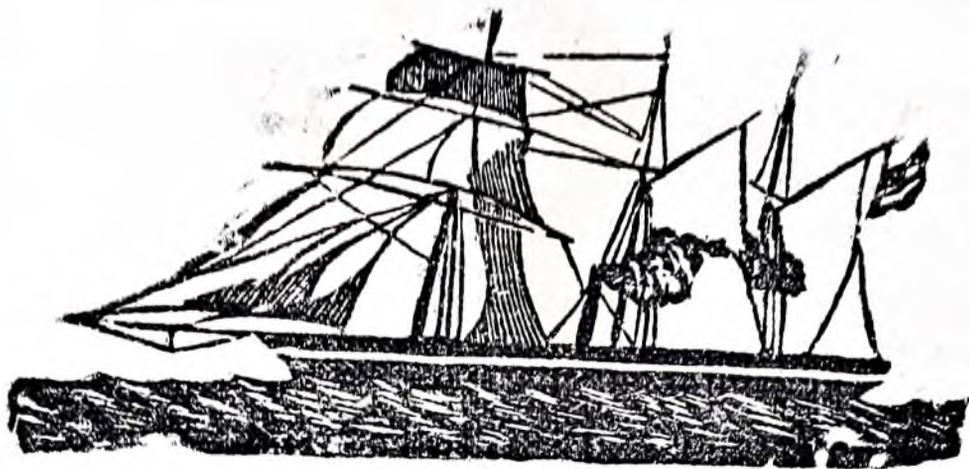
Atenção.

Na rua dos Droguistas n.º 38. 3.º andar, precisa-se de officiaes de charutos, e abridores de fumo.

Fugiu da abaixo assignada, no dia 4 do corrente, a sua escrava, africana, de nome Celina, de idade de 30 annos, estatura regular, falta de dentes, com os dedos grandes dos pés tortos, acha-se prehu, e occupa-se no ganho; quem a encontrar e levar ao Pilar, casa n.º 92, será bem recompensado.— *Ignez Lucia Dias Monteiro.*

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna faz sciente aos paes de familias, que se acha loccionando, desde o dia 7 de janeiro, na mesma casa á freguezia de S. Pedro.

Typ de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

12 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 16.^a—N.^o 151

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1867.

Officio ao Revm. Sr. vigario da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe providencias para que não continuem os commodos da capella do Rosario a servir de casa de officina a particulares, pelo pouco respeito e falta de decoro, que nisso vae á nossa religião em consequencia dos factos, que se podem alli praticar.

Os trabalhadores da improvisada tenda chamam as *conhecidas*, que passam, e com ellas entretêm colloquios, que não são muito coherentes com a decencia devida ao logar; ha ditos galhefeiros, etc.; e S. Revm. sabe que do palavras a obras vae pouca distancia; por tanto pede-se-lhe que empregando sua valiosa authoridade, faça cessar semelhante abuso.

—Consta que a policia cercou a casa de um dos directores do banco. Encontraria alguma cousa?

—Estou certo que não.

—Assim mesmo foi á tempo.

—Quer acabar por onde devia principiar.

—Os soldados de policia em nossa terra servem para fazer desordem em vez de accomodar!

Uma patrulha foi *sambar* uma noite destas no becco do Oratorio, onde estavam tambem alguns guardas de Brotas.

Metteram se nos *aguaceiros*, e a cousa acabou como de costume, em barulho.

A policia desarmou um do 5.^o, o prendeu-o; ao passar pelo quartel da Palma, o soldado sentindo o faro de casa, embarafustou pelo portão a dentro, a policia seguiu-o, mas ficou trancada no calabouço.

Dahi originou-se a rixa: hontem 11, por cerca de duas horas, dous soldados de policia *matavam o bicho* na venda 22. ao Caminho Novo, e travaram rasões com um de Brotas; houve logo espadas fora, ferimentos, etc.

Um official do 5.^o prende um policia; vão ao quartel deste participar que elle estava sendo maltratado; sahe um piquete que veiu tomar a embocadura da ladeira da Palma, e ali espancou a torto e a direito a guardas nacionaes paisanos. O conflito tornou-se serio e teria graves consequencias a não ser a presença do Sr. Carvalho e do commandante do 5.^o, unica authoridade que appareceu em tempo.

Houveram bastantes ferimentos, des-

tinguindo-se na *bravata* um soldado de cavallaria.

—A authoridade competente deve pôr cobro a tão descommedido procedimento.

—E envidar esforços para que não se reproduzam tão vergonhosas scenas, praticadas, por quem deve manter a ordem.

*Ipsi vero non cognoverunt vias
meas, quibus juravi in ira mea,
si introibunt in requiem meam.*

David, — Psalmo — 94.

Si o anjo de Deus veiu á terra, segundo as escripturas, para annunciar a S. Zacharias o nascimento de S. João Baptista, a SS. Virgem Maria a concepção de Jesus Christo, e a S. José em sonho, para que recebesse o filho de sua esposa, porque Ella o tivera concebido do Spirito Santo, como pois acreditar que haixe para fazer manifestações aos homens (os spiritas), por um simples chamado, dos mysterios, que Deus d'elles occultou?

Si o Credo, composto pelos apóstolos de Jesus Christo, diz que «ressuscitarão os mortos e que Deus os julgará,» como pois acreditar em reencarnação? Para ser admittida essa ideia van, tornar-se-ha preciso, que cada corpo por sua vez ressuscite, porque sendo o espirito a parte vital do corpo e estando elle em o primitivo, o outro a que tambem pertencia não elevar-se-ha da campa para o julgamento, e si for o primitivo condemnado pelos crimes commettidos e que tenha immediatamente de seguir para o logar que lhe for destinado, como ressuscitará o corpo segundo, terceiro etc., a que tambem pertenceu aquelle espirito? Ainda é van essa ideia por dizerem os spiritas, que o espirito reencarna para purificação dos peccados, e que não tem lembrança alguma da existencia passada. Ora: o espirito reencarnado não lembrando-se que outr'ora, existisse em outro corpo e que está n'aquelle, para purificar-se dos crimes, certamente commetterá novos crimes e jamais se salvará.

Os adeptos do spiritismo dizem que são escolhidos de Deus para vulgarizarem essa doutrina. Ora: si Deus para dar nascimento a seu filho Jesus Christo, foi por um mysterio sublime desde David, purificando a geração até Maria, em cujo Ventre o encarnou, como lançará mão de homens

do seculo XIX, seculo da corrupção, para lhes fazer patente mysterios reservados para elle só — a outra vida? Só Jesus Christo enviado por seu pae, para pregar a sua Santa religião, a pregava nos templos e praças publicas, sendo o spiritismo parte d'ella, (o é, porém não querem os homens) qual a razão, pelo qual se fazem clandestinamente suas sessões? Por ventura, negará o Exm. archbispo os templos para que n'elles se façam essas sessões, que tanto cooperam para salvação da humanidade e fixação da religião catholica? Por ventura, a Italia séde da religião catholica ainda ignora o spiritismo, para que o pontifice lhe não tenha prestado ouvidos? Essa doutrina, quanto a nós, é erronea, por sermos catholicos e estar ella ao catholicismo inteiramente opposta; porém cada um responderá a Deus pelos seus crimes, que nós por não acreditarmos em spiritismo Deus nos não castigará.

A. K.

EA VAE VERSO.

QUANDO EU ERA INDA MENINO.

Lembra-me; e tenho saudade
Da bella infantil idade,
Do sorrir do meu destino;
Foi n'este tempo, que ledo
Eu gostava de brinquedo,
Quando eu era inda menino.

Quando eu voltava da escola,
Sabia então com a gaiolla
Do bello curupiã;
E com ella ao arvoredo,
Eu trepava sem ter medo,
E alli armava o alcapão.

Quando jogava o pião
Sobre a mesa ou pelo chão;
Gostava de o ver dormir;
Se n'ó botavam na mão
Sentia doce emoção,
De prazer punha-me a rir.

Com as cartas de jogar
Ergui castellos ao ar;
Chamava alguém para os ver;
Mas si o vento os desmanchava
En ria; e depois chorava;
De novo os tornava erguer.

Si o papagaio empinava,
Logo o fio lhe soltava,
Té vel-o pequenino;

Porém si alguém m'lo pescava,
 Todo em pranto me banhava,
 Quando eu era inda menino.

Aos domingos e feriados
 Os collegas e convidados
 Vinham ver minha egrejinha:
 Eu nella fazia festa,
 Ellos eram a orchestra,
 Eu era o padre e o c'roinba.

—Quando a luz do sol desmaia—,
 Lá pelo com'ro da praia
 As conchas ia apanhar;
 Fazia casas de areia;
 Via alegre a *Papa-ceia*
 Do ceu co' as ondas brincar!..

Quando a barquinha eu levava,
 E sobre as agas soltava
 Para ver ella *correr*,
 Qualquer leve movimento
 Parecia—rijo vento;
 E eu temia de a perder.

Oh! que tempo de delicias!
 Que docuras, que caricias!
 Outro tempo igual não vem...
 Quantas moças me beijavam,
 Ao seu côco me estreitavam,
 Chamando-me *seu churo bem!*

Foi n'esse tempo de encantos,
 Que gotei prazeres tantos,
 Quando eu era pequenino;
 E a lembrança hoje me inspira,
 E eu canto na minha lyra
 «O meu tempo de menino.»

(*Extr.*)

A PEDIDO.

JOVEM SENHORA (*)

Sei que é demasiada osadia declarar-vos que vos amo quisera occultar o meo amor, porém não posso sinto-me dellacerado por uma paixão inaudita amo-a! adoro-a! tão verdadeiramente como existir Deos! Sé fosse possível a linguagem humana poder descrever estes sentimentos que de chofre nos assaltão o espirito então eu vos havia de retratar a magnitude do meo coração e fazia convenser-vos da veracidade do meu amor!

No meu coração de moço existe gravado o vosso nome sou jovem apenas cento 16 annos de idade, nunca achei

quem me abrilhantasse o estro, o meo coração que ainda não tinha creanças no porvir arvorou-se para amal-a, amo-a como christo a cruz, como a mãe ao filho, como a noite ao silencio como o cego ao seu guia, como a rosa ao orvalho, como o poeta a solidão, como o passarinho ao seo ninho. e como os anjos a Deos no Cég!!!....

O mundo sem o puro amor de V. Ex. é para mim um feio deserto descreria da vida, se me faltasse a esperança do vosso amor! uma resposta! um sim!

Deos! o supremo ser da Divindado algum dia fará eu conseguir o meos intento! possuir-te ante a igreja!....

Amante até a eternidade.

Amo-te Juro ante os Numes
 Mulher cheia de perfumes
 Meo anjo meo seraphim
 Sempre sereite constante
 Meu bem, minha chara amante
 Morrerei pensando assim.

Amor! e Paixão!

A....

(O *Brigue Agosto Pequeno*.—Capitão *Dias*.—Procedente do *Lima*.)

(*Continuação*.)

—Pouco importa, saber d'onde sou filho.

Meus pacs, logo que fui me pondo rapazito, venderam-me por 20 patações a um capitão de navio da carreira de Latronopolis, o qual, como si eu fosse uma merceadoria, empacotou-me no porão, com outros companheiros, cujos destinos eram em tudo eguaes ao meu, e fez-se de vela para estas plagas das Bananas.

Touxe apenas de meu, uns tamanquitos, um chapéu de Braga, calça e jaqueta de picote, camisa de aninhagem, cujas côres eram duvidosas, não só pela muita idade que tinham, como pelo tempo á que não viam agoa.

Aqui aportando o navio que me conduzia, foi a bordo um velho celibatario, o qual depois de minuciosa escolha no bando de que nos compunhamos, agradou-se de mim, pagou ao capitão minha passagem e despezas e

(*) Por deferencia ao autor conservamos

conduziu commigo para seu serviço.

Este velho celibatario, de quem depois adoptei o nome, era uma especie de misanthropo: morava só, e não recebia ninguem em sua morada; a comida vinha de uma casa do pasto; todas as suas relações e conviniencias resumiam-se no seu giro commercial, cujo estabelecimento era na propria casa, em que hoje tenho minha *drogaria* na rua *Velha do Negocio*.

Não fumava, não bebia, não jogava, o unico vicio que lhe conheci, foi gostar da *parrusqueta*, innocente divertimento, já naquelle tempo usado. Então a noite, o velho chamava-me para a *parrusqueta* e nos entrelinhamos largas horas.

Tambem gostava de *comer pevides* e por isso me occupava ás tardes em *descacal-as* á porta da loja de vender substancias curandeiras.

Passaram-se annos e eu adquiri inteira afeição do solitario velho; depois fui seu socio.

Adoeceu, e morreu como viveu; isolado.

Como o velho não tinha herdeiro, o seu herdeiro fui eu.

Apossei-me de tudo quanto era seu, continuei a girar com a sua firma, razão porque hoje me assigno com o seu nome.

—E seu irmão não usava do mesmo sobre-nome?

—E' verdade; adoptou-o para melhor arranjar-se o negocio.

—Continue.

—Fui trabalhando para duplicar minha fortuna e, procedendo hypocritamente, consegui adquirir no commercio o nome de character sisudo, por que naquelle tempo ainda havia muito essa cousa chamada boa fé e os tranquillistas, como eu, facilmente illudiam aos credulos.

Eu tinha sêde ardentissima de amontoar riqueza, meu spirito avido não se contentava com as *estreitas* espertezas, que se podem praticar em uma *casa de droga*. Era preciso campo mais vasto.

Tinha necessidade de lançar-me em especulações de mais vulto e cujos

resultados fossem mais salientes, e rendosos.

Entre alguns amigos que frequentavam a minha casa de negocio, á rua *Velha do Negocio*, ia um proletario millionario, que se inculcava meu amigo, o qual tinha dous filhos de côr parda, rapaziños; o mais velho teria 14 annos.

(Continúa.)

—São tantas as versões que circulam, que não se pode fazer um juizo seguro!

Commentam o factio tão variadamente, correm tantas versões, e tão differentes, que é um labyrintho de Creta.

Uns dizem por exemplo, que um dos taes *tomára* em certa mão uma quantia sob hypotheca de uma porção de tabaco, porém que, verificando-se, que tal tabaco não era da qualidade inculcada, e que nem apparecia o resto, que dizia esperava da nova safra, o dono do dinheiro deu por desfeito o negocio e exigiu o embolso do que era seu.

O talul já tinha gasto os cobres. O capitalista não estava por isso, e persistiu em querer seu dinheiro. O homem *mira, anda*, dá voltas, e dias depois apparece com o dinheiro, que era nada menos de uns cem conticulos.

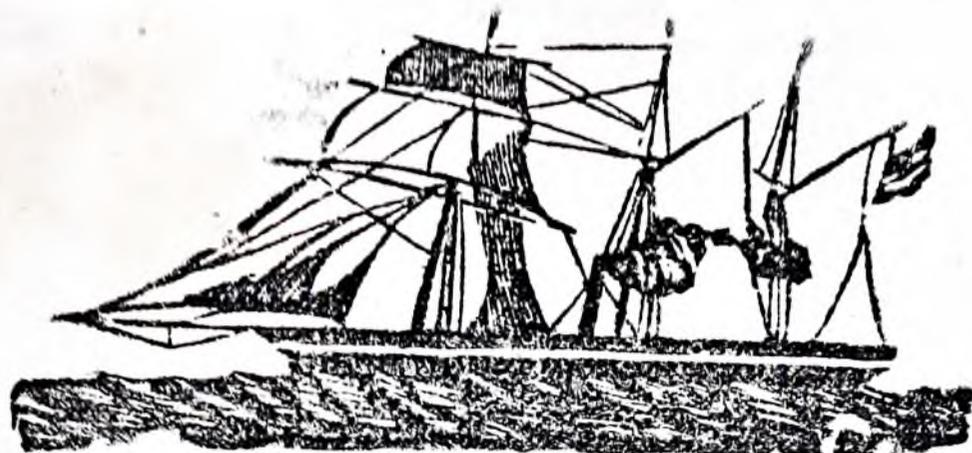
Outros contam que um certo meliante, dias antes de estourar a bomba, fizera um pagamento, onde iam doze notas de *quinhentos paus* de numeracao seguida e novissimas, como se tivessem sahido da forja.

—E outros muitos episodios deste drama mysterioso propala a voz publica, apontando sempre como protogonistas os mesmos personagens.

A policia de Latronopolis, porém finge-se surda com medo que o grito unisono da opinião publica não lhe fira os ouvidos.

ANNUNCIOS.

Na rua dos Droguitas n.º 38, 3.º andar, precisa-se de officiaes de charutos, e abridores de fumo.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

16 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 16.^a—N.º 152

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericordia . 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 11 de janeiro de 1867.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que mande tapar um cano. que ha na ladeira da Praça a dobrar para a rua das Veronicas, bem como um outro na Estrada Nova, esquina para o Caminho Novo. Cumpra.

—Estamos comendo carne de pessima qualidade, e por alto preço!

A carne de 160 rs. pode se dizer que é podre; vae para a panella e converte-se em bofe.

—Que quer? Consta que o gado está todo pesteado na Campina e que morrem de 30 a 60 bois por dia; apesar da immensidade de alcatrão que queimam para desinfectar o lugar.

—Dizem-me que o gado, que vem para o Matadouro, vem cahindo pelo caminho, e que no proprio Matadouro morrem aos 8 e 10 por dia.

—Faça ideia o que não tem este pobre povo mettido no bucho!

—A policia dou busca na casa de um outro director do banco.

—Vae muito a tempo! Si não fosse

pôr em duvida o caracter do digno chefe, eu diria que isso parece negocio de compadre!

—Sem duvida!

Chama-se isso *negocio para inglez ver.*

—A policia deu tempo a quem roubou para arranjar a cousa por maneiras, que agora só por um accaso se descobrirá.

—O denodado sargento quartel mestre do 31 de voluntarios da patria, João Manuel da Silva, escreve a sua familia em data de 12 de outubro uma carta, onde a par da mais pungente saudade sobresahe o acrysolado amor da patria; e termina sua missiva assim:

«Si eu tiver de morrer longe da patria,
«Da chara patria, que me deu o ser,
«Eu quizera, meo Deus, que a minha morte,
«Fosse no campo, por ella a combater.»

—Olhe que estes falladores!.....

—Em cujo numero entra V.

—São da pá virada! querem em tudo metter o bedelho!

—Porém a que vem isso?

—Andam agora a dizer que o Sr. Dr. chefe de policia, indo a casa do director do banco Miranda, não levara com sigo o escrivão e apenas um official de policia.

Commentam o facto dizendo, que si fôsse preciso lavrar algum acto, não havia pessoa competente para isso e dizem que aquillo parece mais visita de cortezia, do que uma investigação de authoridade.

—Si assim foi, acho razoavel; mas eu creio que isso é pomada, por que o chefe não ia lá cahir em tamanha esbarradella.

—Continuam os conflictos entre os soldados de policia e a guarda nacional aquartellada.

Andam como cão cem gato.

Pelo motivo mais frivolo vão ás do cabo.

Ainda hontem foi com o 6.º batalhão.

A policia parece que está desenfreada.

A authoridade deve procurar acabar com semelhante estado de indisciplina.

LA VAE VERSO.

Mosquetaria de abordagem.

Armas á Minié.

4.^a CARGA.

Eu não sei si é cousa nova,
Ou si cousa velha é,
Apenas repito um caso
Que contou-me o sinhô Zé (*).

Achando-se o A. doente,
Das hemorrhoides talvez,
Recorreu ao spiritismo
Tambem pela sua vez;

E promptamente um purgante
O anjo lhe receitou,
E por mais delicadeza
Elle mesmo o preparou.

E logo d'oleo de recino
A dose administrada,
Operou nos intestinos
Do A. uma trovoadá.

Mas ficando em poucos dias
De tudo o cujo curado,
Dançou em honra do anjo
Um lundú bem requebrado.

(*) Zé-Couto.

E terminou-se a comedia,
Da forma mais prasenteira,
Tomando a bella Pombiucha
Uma grande bebedeira.

Allan Kardeck.

Andou por essa cidade
Na noite de Reis um rancho,
Tinham nove directores,
Trez dos quaes levavam gancho.

Na frente ia a Henriqueta
Que lhe chamam *Carmesim*,
Com seu pandeiro de rufos
Que lhe dera *yô Quimquim*

Em vez de burrinha, ia
Neste rancho afamado,
Formidavel ratazana
De notas mui recamado.

Mais atraz iam *dous cujos*
Com unhas de gavião,
Das taes notas *carregavam*
Uma grande alluviação.

Os outros seis, cada um
Seu instrumento tocava;
Um era gaita de folles,
Outro pandeiro rufava.

Dous tocavam berimbau,
E mais outro a castanhola,
Quem *preside*, em distincção
La tangendo a viola.

Atraz dessa guapa gente
Seguia todo o farrancho,
Rapaseada da *euca*,
Até um *lesma* mui ancho.

No meio de um *terreiro*
Stando a turba reunida
Accenderam os archotes,
Fez-se o signal da partida

Me esquecia de dizer
Que um T—cheira de tal
Foi corretor dos archetes
Por ser do rancho *leal*.

Passaram pela policia,
Não sei com que fim ou graça,
Dahi seguiram direitos
E foram dar n'uma praça.

Descem por uma ladeira,
Sem que nada os impeça,
E vão parar no *commerce*
Em frente a uma *tripeça*.

Depois que o instrumental
Toda caterva afinou,
O sujeito, a ratazana,
Abriu a bocca e cantou!

«Salve! salve! *casa forte*
«Logar de tanta *mocda!*
«Nós viemos aqui ver
«Si podemos dar te a queda.

«Queremos alliviar-te
«Do pezo, que tens no seio...
«Dá-nos, pois, do teu *miolo*
«Não tenhas de nós receio.

«Somos rapazes pacificos,
«Que gostamos de empalmar,
«Gastamos mui limpamente
«O que nos dão a guardar.

«Venha de lá
«O que tem de vir...
«Arranjem que chegue
«P'ra nós dividir.

« Ora venha,
« Si tem de dar,
« Que da casa forte
« Havemos tirar.

« Aqui estamos
« Na *aldeia* baixa,
« Queremos comer
« O que ha na *caixa*.

A PEDIDO.

— Até hoje nada do dinheiro da *Tripeça de Latronopolis!*

— E creio que nem apparecerá. O ladrão, si não foi cauteloso, teve tempo de sobra para resguardar-se.

— Circula por ahi tanta cousa, com tanta historia, que ninguem sabe comprehender.

— Entre o povo a cousa ja passou á pilheria. Corre pela voz publica uma chusma de episodios, cada qual de mais chiste e espirito.

Entre elles achei muito sal n'um.

— Qual foi?

— Dizem que, semanas antes de se dar com a *broca*, quando um dos directores entregava o *cóco* a outro, o presidente disse com ar chocarreiro para o que recebia — *sentido nesse menino, que é do olho vivo.*

Estaria prognosticando?

— Ora, isso não vem nada ao caso; são graças entre companheiros.

(O brigue *Agosto Pequeno*. — Capitão *Dias*. — Procedente do *Lima*.

(*Continuação.*)

Esse velho millionario dedicava-me inteira afeição.

Parte de sua fortuna adquirira elle na carreira da Costa d'Africa, e com ella os germens dessas molestias, que são proprias daquelles climas.

Ha alguns annos que entretinhamos relações d'amizade, quando elle adoeceu gravemente.

Mandou-me chamar e recommendou-me seus dous filhos.

Prometti-lhe ser para com elles um segundo pae.

Dias depois falleceu o millionario; aberto o seu testamento, era eu instituido testamenteiro e tutor dos menores.

Metti-me logo de posse do *bollo* e carreguei com os rapazes para minha casa.

Bem depressa esqueci-me do que havia promettido ao velho ricasso.

A luz deslumbrante de seu oiro offuscou-me os sentimentos de amizade e lealdade.

A cobiça apoderou-se de minha alma, e um desejo voraz de ser senhor da avultada fortuna de meu amigo não me deixava um só instante.

Era preciso, por tanto, que, á todo transe, aquelle thesouro, que de facto ja me pertencia, fosse de direito meu.

E para isso era necessario antes de tudo descartar-me dos dous importunos fardos, que me atravancavam o caminho da hedionda ambição, pondo tropeços á minha carreira de sordidas delapidações.

Desaparecendo elles, cessavam todos os obstaculos.

Aquelles dous meninos eram o meu pesadello continuo.

Escogitei os meios de livrar-me delles.

A primeira ideia que tive foi a do assassinato.

Mas de que forma? Mandando-os apunhalar?

A cousa ficava muito calva. Dous orphãos ricos apunhalados ao mesmo tempo, seria muita coincidência e era para dar o que fallar a este povo miudo.

Envenenal-os?

Tambem havia suas difficuldades, e entendo que o homem só deve dar passos seguros.

Para envenenar cada um por sua vez fazia escandalo e despertava a attenção publica.

Lembrei-me de envenenal-os juntos, e dar o caso como um successo lamentavel; porém reflecti que essa pilula seria dura de engolir. No meio de uma familia, apenas dous orphãos serem envenenados, era cousa que ninguem julgaria casual. Lembrei-me até, para enfeitar melhor o ramalhete, de com elles envenenar um preto ou uma criança para dar melhor colorido á nefanda obra porém á essas sinistras ideias, succediam um turbilhão de outras mais tenebrosas; e eu ficava perplexo.

De repente lembrei-me que, sem panem pedra, eu me podia descartar dos rapazes; e é o que V. Ex. vae ver.

(Continúa)

Lê-se no *Diario* de 12 do corrente:
AO PUBLICO.

Sr. Redactor.

Tendo sido publicada uma enxurrada de catilnarias e picardias no *Magico Oculo* contra o Sr. Aristides, na qual vem até o nome de sua respeitavel familia, que não é por modo algum responsavel pelos actos d'elle, venho do alto da imprensa protestar contra tamanha calumnia, restabelecendo a verdade dos factos tão torpemente adulterada.

Estando na typographia em que se imprime o periodico *Alabama*, da qual é um dos proprietarios o Sr. Aristides, levaram uns artigos contra um tal Quinta, por que mandou pedir a um negociante a quantia de 200\$ ou as chaves de sua propriedade para morar de graça por espaço de um anno, e mais algumas *espertezas* que esse Ro-

bert Macaire havia praticado. Vendo o Sr. Aristides que os artigos eram compostos de factos verdadeiros, e comprovados por documentos, que em tempo seriam publicados, e ainda mais por que foi victima de um calote que lhe pregou este cavalheiro de industria, os aceitou. D'ahi parte o odio canino desse infame contra o Sr. Aristides.

Felizmente estamos na Bahia, onde é conhecido o Sr. Aristides e sua respeitavel familia, e sobre este ponto appellamos para as pessoas insuspeitas e de criterio, que com elle entretêm relações de amizade.

Não precisamos de declinar nomes, porque elles são tantos que enfadonho seria enumeral-os. Assim si o calumniador Quinta, ave de arribação á esta provincia (não sabemos por que fatalidade!) não conhece essa familia, melhor razão tinha para respeitá-la, e não lançar-lhe maculas que nunca teve.

Em que tempo foi que houve desavença entre o Sr. Aristides e seu fallecido socio? Miseravel, si ignoras a amizade intima, que sempre entretiveram, e ainda hoje mercê de Deus, continúa com a honrada familia d'este, cala-te; não injurias e nem calumnias.

Em materia de honra de familia, nada de declamações, apresenta os factos e prova-os. Si isso não fizeres, nada terás feito.

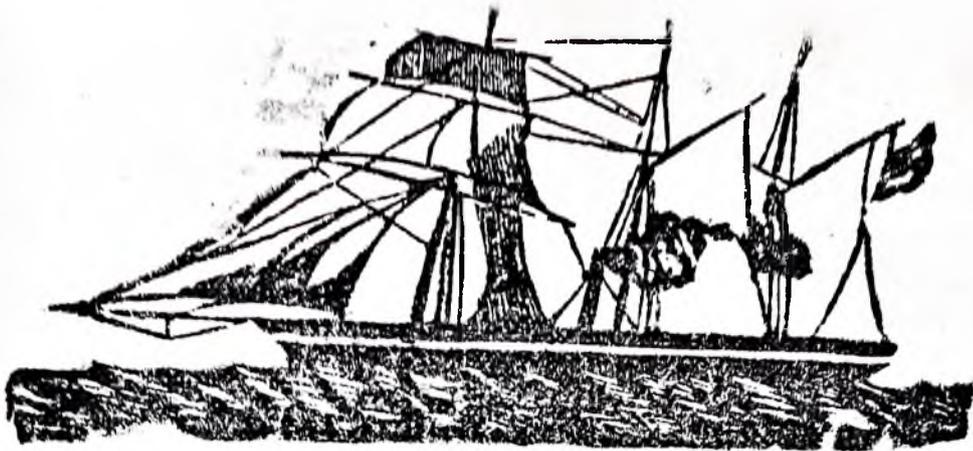
Sr. Redactor, como conhecedor da familia do Sr. Aristides, e das virtudes que a ornam, peço-lhe a publicação destas linhas.

Um antigo morador do Pilar.

VARIETADE.

PHENOMENO.

Apresentou-se ultimamente em Indianopolis um animal extraordinario, nascido no norte deste estado. É um monstro metade bufalo e metade cavallo. A parte anterior do corpo, cabeça, pescoço e pernas dianteiras pertencem á raça bovina, e apresentam clinas rijas e lanuginosas, que descem da fronte até aos joelhos; ao passo que o tronco e a parte trazeira do corpo, se acham cobertos de pello fino e têm as formas elegantes dos de um garanhão moi novo. Os donos deste singular animal pretendem levá-lo de cidade em cidade para o mostrarem ao publico.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

18 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 16.^a—V.º 153

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia . 47, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 eries, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicaçõs. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama* 17 de janeiro de 1867.

Officio ao Exm. Sr. inspector do arsenal de marinha, chamando sua attenção para o que nos informam á respeito do estado de indisciplina, que reina na companhia de aprendizes; dizem-nos: que alli ha não só brigas entre os mesmos, como continuadas provocações aos operarios do arsenal, e que ainda no domingo, foi excessivamente espancado um escravo do Sr. capitão do porto Lisboa, pelos mesmos aprendizes.

Espera-se, por tanto, que S. Ex. empregará sua attenção á verificar, si com effeito reina tal indisciplina na quella companhia e nesse caso dará as necessárias providencias.

—Ao Illm. Sr. delegado de policia, chamando sua attenção para a immensidade de jogatinas que ha este anno no Bomfim, e entre outras, para a de um sujeito chegado ha pouco dos matos, onde ainda no domingo, houve grande barulho por causa de um *gamado*, do que resultou pancadaria, succedendo que um sujeito gordo trepasse n'um pé de *pereira* e com o peso cahisse do galho abaixo e quebrasse os oculos.

—Ao Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe que avive mais um pouco a sua policia, afim de que os capadócios não andem á noite, a pintar nas portas allegorias immoraes, e escrever palavras indecentes, como succedeu no sabbado p.p no largo do Papagaio, em que amanheceram as portas de diversas casas matizadas de tão bellas flores, Espera-se que semelhante pedido seja attendido por S. S.

—Quantos são os directores do banco da Bahia?

--Ora va elle! Pois não sabe que são nove?

—Porém vi hoje no *Diario* uma correspondencia da direcção assignada por oito.

—E' que faltou o nome de algum.

—Isso é que não tem duvida; e por isso é que eu pergunto, pois desejava saber porque razão o Sr. Joaquim do Castro Guimarães não a assignou.

—Hontem fez-se a lavagem da egreja do Senhor do Bomfim.

Foi muito concorrida da crioula e da rapazeada amante da *patusca*.

Logo que o nosso insigne aspirante João de Deus nos der a relação do folgado será publicada a descripção do mesmo.

LA VAE VERSO.
A REUNIÃO DA *TRIFEÇA* DE LA-
TRONOPOLIS.

Ja recebi o convite
P'ra famosa reunião;
Os senhores directores
Vão dar sua demissão.

Creio que o dia é hoje;
E que darão um jantar;
Cabendo aos accionistas
A tarefa de o pagar.

No tempo das tetas cheias;
Queriam, sós, dirigir;
Agora que estão vãsias
Vão todos se dimittir.

Dr. *Cofre* adoeceu,
De mal, que o enthyricou,
Dr Rato-mór foi vel-o,
E *bichas* lho receitou.

As *bichas* sugaram tanto,
Quê *Cof* e perdeu a acção!
Fizeram uma cataplasma
De honra de direcção;

E prespegaram no estomago
Do rapaz. para salvá-o;
Porém esvaiu-se em *notas*
Sem que podessem curá-o.

Mas, isso não vem ao caso.
Tratemos da retirada;
Consta que até gente femea
Foi p'ra ella convidada.

Dizem que D. *Tratante*,
Toda cheia de arrebiques
Lá será com seu marido
Dr. *Artes de Berliques*.

D. *Cynismo*, accionista
Leva a D. *Corrupção*,
Com Dr. *Estellionato*
Vae D. *Prevaricação*.

Dizem que vae D. *Fraude*,
Matrona muito casquilha
N'uma mão leva as chaves
Na outra uma *forquilha*.

E que a velha *Bandalheira*
Co'a irman D. *Torpeza*,
Se apresentam na função
Com ostentação e grandeza.

E D. *Subtracção*,
Com ares de reservada,

Pela mão de D. *Mysterio*
Lá será apresentada.

E que tambem convidada
Fôra D. *Falsidade*,
Em menos-presos somente
Feito à D. *Verdade*.

D. *Audacia Inaudita*,
Com D. *Rapacidade*,
Tambem vão com sua mão
A Sra. *Impunidade*.

D. *Arranjo*, mui airoso
Consta leva sua tia
A velha D. *Estrategia*
Mulher de grande valia.

D. *Honra*, por caduca,
Si lá for, será banida
Tambem D. *Probidade*,
Dizem, será despedida.

Creio não fica ninguem
Do grande tom actual,
Porque os taes directores
Convidara' a cada qual.

Assim que estiver completa
Essa magna assembleia,
A Sra. *Direcção*
Fará a sua epopeia.

Pedirá com mil desculpas
Que a deixem se retirar;
Dará por paus e por pedras
Mas sem fallar em pagar.

E, si os accionistas
Por fraca credulidade
Lhes der a somma furtada,
Viva a liberalidade!

Talvez que o seu discurso
Valha uns *tresentos contos*,
E que os bons accionistas
Em pagal-os sejam promptos.

Nelle dirá que os *rapazes*,
Queriam festas pedir,
Porém por terem vergonha
Foram o cofre abrir.

Agora bem podem elles
Ir ver a exposição....
Fra um *desejo almejado*....
E' chegada a occasião.

E quando chegar em França
Certo espetto director,
No Palacio da Industria

Podo ir presto se expor.

E no seu soberbo carro,
Mui vaidoso, sobranceiro,
Verá pender do seu peito
Uma cruz do cavalheiro.

Cantará p'ra distrahir-se
Estes versinhos dos seus:
«Adeus, eu parto a sumir-me
«Bobos auditores meus!»

De tantas notas *perdidas*
Não voltará uma só?
Não descobrião o Judas
Para o reduzir a pó?

Ficará este negocio
Envolto em negro mysterio,
Quando um pouco de coragem
Seria um salvaterio?

Si suspeitam, fallem alto;
Perguntem, como e porque,
Exijam certas clarezas,
Não tenham medo e de que?

Nada de condescendencia
Com quem já tanto abusou,
Seja rota a masc'ra á quem
A tantos encaiaçou.

Eu cá, pela minha parte,
Como já fui convidado,
Irei tudo apreciar,
N'um cantinho empoleirado.

Ihei de cantar uma lenda,
Sentado n'um almofariz,
Sobre uns *contos*, que fizeram.
Viagem para Pariz.

Quanto aos *homens d'acções*
Vão ouvir novo sermão:
Os roubados são os reus
Innocente é o — ladrão.

A PEDIDO.

— Diziam que a Companhia de Vehiculos Economicos vinha regenerar o systema de transportes, e por os preços de condução por dez reis de mel coado; e eu vejo a couza no mesmo, si não peor.

A companhia pela maneira porque está montada não pode satisfazer a necessidade publica.

Ainda hontem á tarde no Bomfim,

ora um clamor geral pela falta de condução; o ponto das gondolas estava apinhado e não apparecia uma maxibomba, e os Srs. Arianis impunham o preço de 500 rs. e o seu caixeiro Cornelio vendia os bilhetes da gondola, que havia de chegar, com antecedencia ás pessoas de seu gosto.

Uma das cousas que censuravam nos Arianis era a mudança ou alteração do preço nos domingos e dias santos e a companhia cabe no mesmo defeito.

No domingo as gondolas da Victoria alteraram os preços, porque havia festa daquelle lado.

— E assim, como é isso, é tudo mais.

— O subdelegado dos Sanhaços está damnado! Quer vencer a todo transe.

Destituído da menor influencia, baldo de sympathias, quer alcançar pela força, o que já mais poderá pelos meios legaes.

Manda chamar e emprega os meios persuasorios, quando lhe abanam a cabeça, torna-se possesso e furioso e ameaça com o seu cargo de subdelegado.

— Todos esses desmandos, são a consequencia inevitavel da intervenção da auctoridade policial em eleições.

— E o pobre que não quizer ficar em vista, com o seu subdelegado, ha de quer queira, quer não, tomar-lhe uma chapa e ir votar!

Pede-se ao Sr. fiscal da Sé que dê a noite um passeio pelo Maciel de baixo, assim de agarrar a Constança Perúa Choca e a Clara na occasião em que fazem despejo na rua, por muito incommodar isso aos visinhos, pela hora em que é feito.

Chama-se attenção do Illm^o Sr. subdelegado da Sé, para uma mulher moradora ao Maciel, do nome *Umbellina Pau d'Agoa*. Essa *menina feliz* quando embebeda-se torna-se escandalosissima em seus actos, a ponto de vir nua para a janella. A'noite especialmente, occasião mais frequente de suas *monas*, é quando ella desenvolve a immoralida-

do em toda sua hediondez. Espera-se da conhecida energia do S. s. um correctivo á essa pervertida.

Não bastam os desarranjos por que tem passado esta pobre praça nestes ultimos tempos?

Ainda foram os socios de um trapiche *desunido* buscar para dirigil-o a um homem o mais incompetente possível, o qual, além da crassa estupidez que lhe pesa no costado, e de ser completamente leigo na materia, é de mais a mais malcreado e grosseiro, doles inseparaveis da estupidez.

Todos os negociantes, de armazem, para elle são ladrões! Raro é o dia em que não ha altercações com as pessoas, que alli vão tirar generos.

Os Srs. socios obram com juizo, e muito lucrarão, si tomarem em consideração estas reflexões, e livrarem as pessoas do commercio do flagello de um insolente que só serve para provocar conflictos; por seus creditos devem admittir uma pessoa habilitada e de educação mais apurada.

Um do commercio

VARIÉDADE.

Que importa!..

Que te importa a sociedade
Com sua realidade,
Com os homens que ella tem?
=Que te importam seus defeitos
Quererás tu reformal-a,
Dos prejuizos livral-a,
A' que os homens stão sujeitos?
Que te importa ver, coitado!
Um povo tão illustrado
Escarnecer do talento?
=Que te importa o egoismo?
Que importa vel-o perdido,
Ver tanto zoilo atrevido,
Tanta audacia e pedantismo?
Que te importa, charo amigo,
Ver o talento mondigo,
Ver o genio a pedir pão?
Das miserias deste mundo
Não é que vive o talento,
Nem se abysma o pensamento

Neste pègo tão immundo.

Onde existo aqui a gloria!

Na passageira memoria

Desses brasões conservados

A' custa de ouro só?

=Será no louro comprado

No thesouro amontoado,

Que a terra reduz a pó.

Será naquella gravura,

Que elle poz na sepultura,

Mostrando até lá soberba,

Calcando o genio até lá?

Onde existe pois a gloria

Onde reside a memoria,

Que não a vejo?.. onde está?..

Merra embora na indigencia,

Sempre um dia a intelligencia

Ha de surgir triumphante,

Ha de alcançar a victoria,

Que te importa a sociedade

Com sua realidade

Se ao genio pertence a gloria?

(Extr.)

ANNUNCIOS.

BAILE PASTORIL

VARIADO E RECREATIVO DIVERTIMENTO

Hoje 19 de Janeiro de 1837

Sobre a direcção dos pastores

C. B. e J. s. Fontes.

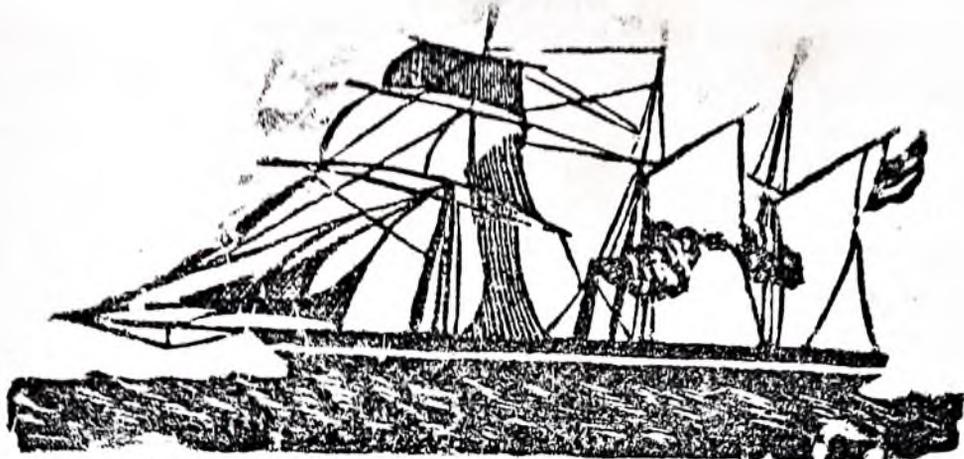
No Becco do Motta casa n. 9

Os bilhetes podem ser procurados
no mesmo becco, casa n. 7.

Manoel dos Passos e Silva agradece cordialmente a todos os seus amigos, que se dignaram acompanhar o cadaver de sua prezada mãe Francisca Romana do Espirito Santo de sua caza á Rua Direita da Lapinha ao Cemiterio da Quinta dos Lazaros, e de novo lhes roga o charidoso obsequio de assttirem a missa do 7.º dia, na segunda feira 21 do corrente, ás 8 horas da manhã no convento do Carmo e dosde ja se confessa eternamente agradecido.

Eduardo Ferreira de Souza vai á Europa.

Typ de Marques, Aristides Igrapiuua.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

24 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 16.^a—N.º 154

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia . 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 janeiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. inspector do arsenal de marinha—Espalhando-se o boato de que o professor primario desse arsenal, á titulo de festejos de ferias, exigira e recebera de cada discipulo uma quantia não menor de 1\$000 rs., e que até hoje nenhuma solução dera ao fim, que teve semelhante dinheiro, não dando o menor cavaco, quando se lhe pergunta; sollicita-se de S. Ex. providencias, que esclareçam esse facto, e no caso de ser real, pede-se que seja o mencionado professor obrigado a restituir a cada um o que individamente recebeu; sendo além disso reprehendido por esse procedimento tão inconveniente ao character de um professor.

—O commando superior é como galinha choca; vive só a se remechar;

—Isso ja é motivo de V. fallar?

—Pois si não pára n'um logar! Sahe d'uma casa por pessima, volta para ella por boa!

Não se sabe á quantas anda!

—Ora trate de outra cousa.

—Na sexta feira um guarda do contingente do batalhão de S. Pedro, entrou á noite n'uma tenda de sapateiro e sahio mui limpamente com tres pares de botinas.

Felizmente para o dono n'outro dia foi filado.

—Tambem hontem foram abriram a perta da crioula Philippa, que anda se divertindo pelo Bomfim, e levaram o que acharam.

—Não vale a pena fallar nestas escamolagens banaes, quando os ladrões andam impanes de cabeça alçada na alta sociedade.

—O spiritisme hade virar a bolla á todos os seus adeptos!

—Porque?

—Não sei. O Barboza ja anda com a cacholla das dez para as onze; deu-lhe a mania para'confessar-se toda semana.

Agora é o 65. Hontem acabou com tudo o que tinha em casa: pianos, cadeiras, sophas, louça, tudo foi para a rua.

—E que faz a policia, que não põe um paradeiro a essa perigosa seita?

—Eu sei la, isso é da attribuição da policia.

E depois quem sabe si a policia não é spiritista?

— Desaquartellou o 5.º batalhão.

— Dizem que o commandante superior fizera uma falla, dizendo que o batalhão desaquartellava pelo seu estado de indisciplina o' relachação e por não inspirar confiança ao governo' . . .

— Não creie em tal.

— Vendo o peixe pelo preço por que comprei.

— Mas V. acredita que o governo ia lá mandar semelhante recado pelo Sr. Rio Vermelho?

— Homem eu sei. . . .

— E' verdade que ha gente, que costuma se encarregar de sermões sem ninguem lhe encommendar.

— Si não houver uma medida preventiva, teremos de lamentar muitos sinistros ocasionados pelas gondolas das duas empresas.

— Também creio.

— As ruas são estreitas, os boleiros andam quasi sempre á porfia, e o resultado será o publico sahir prejudicado.

Ainda hontem ás 5 horas da tarde, no Pilar, uma maxambomba atirou uma preta ao chão, e por uma felicidade não esmagou-a.

— Não tem duvida, devem haver serias prevenções á respeito. .

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth.

Fogo do castello de proa.

5.ª CARGA.

Passando atraz d'um muro,

Ouvi a certo papalvo,

Qu'a alma do major Sa

Encarnava no Rosalvo.

E que escolhera a cabeça

P'ra ponto de residencia,

Pondo o pobre rapazola

Em estado de demencia.

Mas não entrou pelos olhos,

Pela bocca, ou nariz,

Foi por um lugar aberto,

Que elle dizer não quiz

E que o Dundas, depois

De no espaço habitar,

Na ilharga de Ze-Couto

Fôra se encarapitar.

Resultando que o ventre

Do pobre moço cresceu

De tal maneira que o Telles

De espantado esmoreceu.

Allan Kardeck.

A PEDIDO.

José—para que has de ser descarado? Porque não te limitas a comprar os teus roubos do trapiche defronte, onde ja por algumas vezes te promet'eram chicote? Para que não tomas sentido em tua caza onde? dizem (vala a verdade) que teu parceiro tem feito grandes façanhas?

— Isto não é commigo, e sim com o *Zephirino*.

— Pois nem por tu estares servindo de alvo, não reprimes o teu devasso genio?

— Já lhe disse que não se entende commigo.

— Deixa de ir á caza do Vicente, teu vizinho, vê, que elle é cazado e vive decentemente.

— Fazer o que me fazem não é peccado.

— Pois, si não deixares o depravado genio, mandarei o Motta, pegar-te e remetter-te para Fernando de Noronha.

— Vejam aquelle patife mesmo como insulta o homem em sua porta! Põe-o de maroto, gallego e o mais que se segue.

— Aquelle é o filho do *Papa-pinto*, não?

— E' elle mesmo.

— Pois até aqui no Papagaio este tirador de *filhos á patria*, vem insultar á um homem, que está divertindo-se pacificamente?

— Digam si o moço a quem elle constantemente insulta tem ou não rasão?

— E depois vem p'ra cá um seu parente dizer, que o maroto é quem o insulta.

— E' bom que V. Ex. mesmo apreciasso o insulto, que elle acaba de receber.

—Ora, Sr. *Macedo*, si fosse algum rapaz que se pottasse tão indecente e escandalosamente, o Sr. era o primeiro que o chamava devasso, impudico, immoral e libertino, e traria logo uma catilinaria sobre os bons costumes do seu tempo: no entanto sem dar a menor importancia as cans, que lhe cobrem o rosto, porta-se por uma maneira tão reprovavel!

Si um proceder tão torpe é reprehensivel nos moços, o que não será n'um homem de 80 annos, como o Sr.

—Por ventura, ja abdiqueei meu ser de homem?

—Porém não tem pejo, lubrico velho, de se pôr sentado n'uma janella de sacada com uma crioula ao collo a lhe catar piochos?

—Prazeres da vida.

—Devassidao requintada.

Um homem para quem a *naturza* ja morreu, não tem vergonha de se pôr a janella com uma crioula no cóllo!

—Tudo tem seu lugar, isto aqui é um lugar retirado, onde se pode com liberdade praticar certos actos.

—Logar retirado, o porto do *Mau-fim* n'um dia de festa! Onde ha tantas familias, onde toda gente, que vem da cidade nas barcas, desembarca!

Sr. *Macedo*, tome tento, depois não se queixe; ja no mez passado o Sr. commetteu quanta casta de deboche ha com a Mariquinhas Coroa-ciry. Agora vae buscar para companheira de sua crapula uma crioula, com quem vem para a janella afrontar a moral, dando-lhe bijocas etc.

Veja que a idade não o isempta da taça do muxingueiro, e na primeira occasião que repetir a graça toma obra.

—Sr. sargento V., é do quinto furo!

—Ja fui do sexto.

—E' verdade. Mas diga-me....

—Por santo *Agostinho* não me estorve os passos, vou com pressa.

—Não se *arrefestele*, espere um pouco. Desejo saber que razão tem para espancar sua mulher a não ser por causa daquella mulatinha de defronte de sua casa?

—Mais que quer? Todos não tem genio para casado; as vezes commetto-se uma imprudencia e quando chega o arrependimento é tarde.

—Si não tinha genio para casado, para que seduziu e illudiu a pobre moça, a ponto de seus paes verem-se na necessidade de obrigar-o a casar-se, para não verem sua filha perdida?

—Imprudencias de rapaz.

—Pois agora porte-se como homem de bem, si não quer se expor a ouvir consinhas, de que não ha de gostar muito.

—Eu já previa que aquella sociedade de homens e mulheres lá para junto da terra das *aranhas*, não havia de acabar sem ciunadas e talvez lenha!

—Então o que houve, muxingueiro?

—O diabo.

—Conte lá isso.

—No sabado passado foi noite de ensaio, e essa das damas, porque cada socio tem a sua noite, e as socias uma de mez em mez.

—Nada de massada, disso já sei o quando se der o grande baile lá irás; vamos ao mais.

—Pois bem; aproveitaram a noite o o domingo para baptisarem tres bonecas sendo padrinhos os mesmos socios, (segundo me disse o *Candinho*, em caza do *Costa*), e o padre um carneiro pequeno, cantor de modinhas.

—Pois um carneiro?!

—Ouça, é um carneiro aborto da especie, por ter dous pés; houve meza opipara, não faltando o mrito bom vinho de pataca a garrafa: baptisaram os meninos fiogidos, e no domingo foi o esplendido jantar, bastantemente concorrido (pergunte ao director do baile); porém quando os vinhos principiaram a dominar as cabeças dos amantes, foram sabindo saúdes pezadas com indirectas, ciunias... effeitos do zurrapa; cá...cá...cá... não posso conter-me! O *alferes*, que não é de caçudas, deu-lhe as cancellas, saltou qual um bago molle e quiz talvez leval-os a chicote, como é seu costume, e por ahí travou-se uma revolução, uma orgia em fim! Um sujeito, então, por medrosos

chorou de raiva o dando uma carreira, iria parar nos confins da Italia, si não fôra uma compadecida mocinha, que por *Sant'Anna* lhe podiu que se contivesse.

—Que me diz?

—Ora, pergunte ao moço da clarineta amigo do *Lucio*.

—E o dono da caza?

—Este, além do velho, é um, como la dizem, *pae de creanças* e além disto estava em um logar chrismando um *dique* de pessoas; isto era bom para o major, que tal não consentia em sua casa.

—Basta! muxingueiro, já sei tudo. Vao até lá e mette a taca nessa *pandega*, advertindo as moças que sejam mais recatadas. Quanto a esses malandros metta-os em ferros, e leve-os a presença do engenheiro dizendo-lhe, que para outra vez, levarão surra de pé de mastro: e quanto ao velho traga-o amarrado ao porão a fim de mandal-o degradado para Lisboa, no brigue *Vicente*, não se esquecendo porém de louvar o alferes pela acção; assim é o que é fazer.

Volta de pressa que terás outra viagem à terra das *Canas dos Vieiras*, para uma conferencia particular com meu tio, afim de abrir-lhe os olhos com as fumaças de charutos ao proceder de seus subrinhos, já que o encarregado não os sabe conter, por ser um bobela.

—Não se pode aturar um celebre Frederico da casa do Sr. Machado, morador em uma roça, que deita os fundos para a ladeira da Fonte das Pedras.

As pessoas, que por ahí transitam, são victimas de pedradas do tal desastado.

—O remedio é facil: é ir ao dono da casa e si este não der providencias, é mandar o muxingueiro de taca dar geito áquelle desavergonhado.

VARIÉDADE.

O Dr. *Lá-ella*, rico moço e bemquisto das damas, de quem era o mais extrenuo campeão, occupava um logar na magistratura de certa pequena cidade.

Verdadeiro dandy, gostava de passeiar a cavallo, pelo que resolveu ter no quintal

de sua casa estrebaria, o commodos precisos, para os seus animaes.

Mandou, portanto, chamar pedreiros e carpinas e metten mãos á obra; porém, providente em extremo, ordenou que as madeiras que se houvessem de empregar e as obras de pedreiro á fazerem-se, fossem as mais grossas e solidas possiveis.

Reflexionando num dos mestres incumbidos da mesma obra, que não era precisa tamanha solidez em uma estrebaria, e que do modo porque a queria o Dr. *Lá-ella*, tornar-se-hia muito dispendiosa, respondeu elle: Pois não! Estou muito moço e não pretendo morrer tão cedo; quero estrebaria para mim e minha descendencia!

E, mais é que tinha razão de sobra... Conhecia-se, perfeitamente...

(*Extr.*)

ANNUNCIOS.

DESAPARECEU.

Desde o dia 13 do corrente de casa do abaixo assignado, á rua dos Mares, casa n. 26, o seu escravo, de nome Luiz, cabra; levou vestido calça de algodão branco e jaqueta de ganga azul, ja desbotada. Quem o pegar e levar á referida, casa será recompensado; assim como protesta proceder judicialmente contra quem o tiver acoitado.

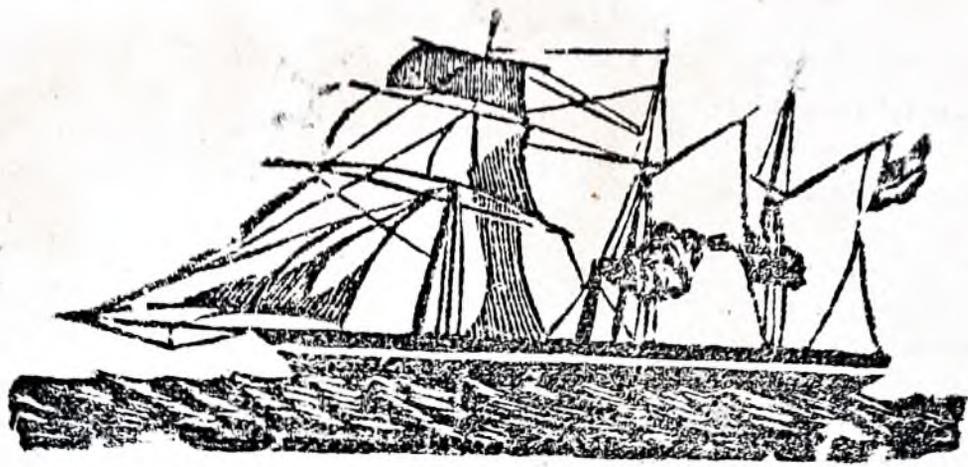
Bahia 16 de Janeiro de 1867
Antonio José de Miranda Junior.

O Sr. José Estevão Cardoso tenha a bondade de vir a casa de João Francisco Coelho para um negocio, que não ignora.

Nesta typographia se dirá quem vende quatro vaccas tourinas, prestes á parirem.

O proprietario de uma loja, ao Taboão, roga ao Sr. H. o favor de vir pagar os 8\$280 rs., importancia de fazendas pretas, que ahí comprou, para pagar dahi a 15 dias, para deitar luto, por um seu parente, que morreu no Sul.

Foi isto em 23 de agosto, do anno p. p., e previne-se ao mesmo Sr. que, não o fazendõ por estes tres dias, terá o prazer de ver seu nome, por extenso, neste periodico. Bahia 10 de janeiro de 1867.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIUSTOSO.

BAHIA—ANNO IV. 26 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.^a—N.º 133

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia, 17, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 meses, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 23 janeiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. inspector d'alfandega, levando ao seu conhecimento, que nessa repartição andam a agenciar despachos alguns individuos, sem que tenham pago título de ajudantes dos despachantes, como determina o Regulamento n.º 2647 de 39 de setembro de 1860, e isso consta que por graça de alguém; e como dahi resulte prejuizo á fazenda publica, pede-se a S. Ex. a repressão de semelhante abuso.

Portaria aos Srs. Arianis, dizendo-lhes que nesta data ordenou-se ao maxingueiro, que va ao porto do Mau-Fim e agarre um Sr. Leandro, homem incorrigivel, que teima em andar por alli, como sua mãe o pariu, envolvido apenas n'um roto chambre, e o leve a Ss. mm. para que lhes dê uma vestimenta completa de couro, das muitas que tem, e o empregue por 3 mezes no serviço das gondolas.

— Vê aquelle quadro?

— São dous recrutas, que passam escoltados, pela ladeira da Misericórdia: um leva nos braços uma criancinha;

acompanha-os uma infeliz mulher, com dous meninos pela mão e uma innocente que aperta contra o seio!

— E' um espetaculo consternador!

— Que quer, meu amigo? A nação precisa de gente. Quem ha de servir? os bichos?

— E' verdade; o pobre que seja arrancado brutalmente do lar domestico; a consternada esposa, que veja com os olhos arrasados de lagrimas seu marido seguir amarrado para a guerra, á pagar a lava que o asno comeu!

Em quanto o Sr. Saraiva, depois de sahir do ministerio, anda a divertir-se pela Europa!

— E' a ordem do mundo, meu rico.

— Nem a força de 600 cavallos a camara municipal se move!

— E' imperdenida!

— Não ha supplica, rogativa, pedido choradeira, clamor, gritalhada, berreira, que resolva a Illma. a mandar tapar uma buraqueira no Caes do Pedroso! Tem ali cahido cavallos e cavalheiros, pretos á noite, etc. e o precipicio continúa.

— A camara está na quebradeira, não tem dinheiro para gastar com futilidades.

— Si é assim, bem.

—As taes machambombas podem limpar a mão na parede!

—E' negocio de brasileiro, não pode agradar.

—Isso diz muita gente aereamento, porém quem reflectir um pouco no caminho e direcção, que levam as taes bombas machas, desenganar-se-ha.

—E' uma empresa nascente.

—E quo no nascedouro ja mostra não ter regularidade.

—A empresa foi creada, dizem, para pôr termo ao monopolio e imposição, para baratear a conducção por meio da concorrência; no entanto, a companhia tambem monopolisa, como um dia destes, em que se tomava passageiros até a Roda da Fortuna: outras vezes as gondolas ja estão fretadas e vão tomar passageiros alli ou acolá; tambem impõe e eleva preços como na noite do fogo. Depois disso, ninguém pode contar com uma empresa, cujos transportes, além de não terem horas certas, apparecem indeterminadamente e quando ha vontade.

—Porque hade a companhia distrahir os carros, que são destinados á carreira do Caes Dourado ao Bomfim, do seu trajecto para irem aqui e alli tomar gente, deixando o publico com agua no bico?

—O que lhe affianço é que os accionistas entregaram sua causa em boas mãos. A firma Carneiro, Azevedo & Monteiro è muito conhecida e pertence a homens experimentados em muitas cousas.

—Eu como não acredito em gente, que serve para tudo!

—Aqui está um pedacinho, que não è de desperdiçar.

—Diga lá.

—E' do *Jornal da Bahia*:

O que por lá vae! — Escrevem do *Petrolas* em data de 31 de dezembro ao *Diario do Rio Grande*:

« Já seguiram para Orqueta, a reunir-se ao terceiro corpo de exercito, o fornecedor geral, Sr. José Rafael *Vieira da Cunha*, 1º cirurgião Dr. José *Vieira da Cunha*, auditor de guerra bacharel

João Vieira da Cunha, boticario *Joaquim Rafael Vieira da Cunha*, e empregado no fornecimento *Domingos Vieira da Cunha*.

« O Sr. alfores *Antonio Vieira da Cunha*, anda tambem empregado na compra de cavallos para aquelle exercito.»

—E' isso que se chama, uma familia—de Patriotas.

—De *barriga*, creio.

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a *Whit-worth*.

Bateria de Bombordo.

6.^a CARGA.

Do Senhor dos Navegantes
Junto ao andor, reverente,
Submisso e penitente
Ia o fructo do Imbuseiro;
Vergado ao peso dos crimes,
Que blasphemo praticara,
Quando reprobó abraçara
A seita de um embusteiro.

Sim, elle era spirita,
Elle descreu de seu Deus!
E por conselhos de atheus
Renegou a Santa Cruz!
Mas agora conhecendo
O abysmo em que cahira,
Temeu do Senhor a ira,
Pediú perdão a Jesus.

Por isso todo contricto,
Vae elle junto ao andor,
Miserando peccador,
Misericordia pedindo,
Pungido de aeres remorsos,
Como o fogo do inferno,
Que o queimaria eterno
S' elle não fosse fugindo.

Allan Kardeck.

A PEDIDO.

—Esteve preso o Sr. José Carlos, quasi tres dias!

—Por que? commetteu algum delicto?

—A' ordem do commando superior, por falta de cumprimento do dever no commando do batalhão, de que è chefe.

—Eu, no caso do commandante superior, nunca prenderia o Jose Carlos.

—Então porque?

—Porque entendo que o dote mais apreciavel no homem é a generosidade e o cavalheirismo, e basta haver des intelligencia entre ambos para so dizer que é pretexto de tirar vingança.

Depois eu não praticarei com outros o que não quero que se pratique comigo.

Entendo que o castigo para certas posições e certos delictos é a correção moral, que produz mais effeito do que a pena physica, sem com tudo desmerecer o punido da força moral de que deve dispor entre seus subordinados, e nem deixa suppor que é uma punição caprichosa.

Eu tenho muito medo da espada de dous gumes, e por isso nunca darei certos exemplos.



CALDEIRADA.

Va de exurrada
A lyra uphana,
Que n'um sendeiro
Eu pretendo metter minha catana.

Feliz desejo
Ser na pintura,
Pois corre risco

O retrato tirar de tal figura.

E' baixo e grosso
O tal peteca,

Não tem cabello,

Q'a syphilis de mais o fez careca.

Dos olhos delle

A vista ataca,

Os olhos não são,

Mas parecem com casas de casa ca.

O seu nariz,

Ja teve fim,

Serio fallando,

Parece foi comido do cupim.

Grosso pescoço,

Os labios vis

Do tal marmanjo,

As pernas são dous finos taquaris.

O queixo informe

Eu não lhe gabo,

Que de tão chato

Parece andar a murros co' odiabo.

A testa delle

Parece o chão,

Suas orelhas

Parecem dous abanos de fogão.

Os verdes dentes

São muito immundos,

Segundo dizem,

O cisco mastigaram de dous mundos.

O velho lenço,

Que faz gravata,

Quasi que a pique

Levára pelo peso uma fragata.

Com dous lanchões

Calçado o vi;

Vão ser tomades

P'ra irem arrazar Curupaity.

Já que pintei-lhe

O corpo inteiro,

Vamos agora

As manhas retratar do tal sendeiro.

Compadecido,

Do mal sedento,

Aos infelizes

Dinheiro eu presta elle ao dez por cento.

SR REFACOR.— Chegamos finalmente á cjecha, cmque deve resurgir o

quasi mythologico rei D. Sebastião.

A Bahia, victima de um cataclysmo terrivel, acaba de ver emigrar para o mundo da lua uma boa parte dos seus habitantes, que, a despeito do celeberrimo barão do Munkausem, fundem alli aos raios solares irrisorios idolos para as bachanaes spiriticas.

O Telles, intelligente descobridor do mel de páu, assestando no olho o volumoso oculo do Fr. Monte, ha descoberto com grande assombro dos astronomicos, já em varios planetas — desde o seus mais opulentos proprietarios até os mais diminutos vermes.

A propagação dos seres animados nos planetas pelos systema erroneo e inverosimil da reencarnação é certamente, admittido o Platonismo, um dos mais ridiculos estribilhos da metempsicose.

O facto nojento de achar-se reencarnado no Rosalvo o spirito do sapateiro da relação, além de extraordinariamente estúpido, é, ainda, considerado logicamente, o annuncio da infalivel queda da religião — Kardec.

Outros casos ainda tão insignificantes quanto as imaginações, que os tem concebido, e que deixamos de consignar, reproduzem-se a cada dia n'esta desventurada terra, tão vilmente calumniada pelos vandalas, que a denominam — Sede do spiritismo!!!

Não podemos deixar de extranhar o silencio do Exm. Sr. arcebispo, quando se tracta de materia tão grave.

Agora mais que nunca cumpre ao digno pastor evangelico, para exaltação da religião da Cruz fazer da sua parte quanto for possivel para extincção da cratera, onde, a cada momento, renegando a fé promettida a Jesus Christo, se preceptitam innumerados fleis.

VARIÉDADE.

Um procurador nunca passava diante da porta de um sapateiro, sem que este não se pozesse a rir. O procurador, picado, perguntou-lhe um dia asperamente porque rizia todas as vezes que passava diante d'ell; o sapateiro respondeu-lhe no mesmo tom: » porque razão passo Vm. diante de mim, todas as vezes que eu rio? »

Um sujeito dizia que desajava conhecer um paiz, onde não se morresse, porque iria ali acabar seus dias.

(Extr.)

ANNUNCIOS

A gratidão, não é esclusiva de ninguém; pertence a todos, ou antes, é um sentimento que deve ter um culto geral.

Partindo deste principio altamente nobre, vem, o abaixo assignado, na falta de outros meios, por este modo, manifestar seu agradecimento, ás provas de bondade, com que obsequiou os na noite de 19 do corrente os Srs. José da Silva Senna e sua nobre familia e João Chisostomo de Queiroz, concorrendo ambos para o brilhantismo do Baile Pastoral, que nessa noite teve logar.

Do mesmo modo agradece aos socios da nobre SOCIEDADE REGENIA.

Taes provas, naturaes dos espiritos bemfazejos, promette o abaixo assignado conserval-as no coração como um penhor, que o obrigará sempre á mais completa gratidão.

Agradeço igualmente ao corpo do Baile o esmero com que se houve, e as pessoas, que concorreram, a generosidade prodigalisada.

Bahia 25 de Janeiro de 1867.

Constantino Benicio da Silva

AMA.

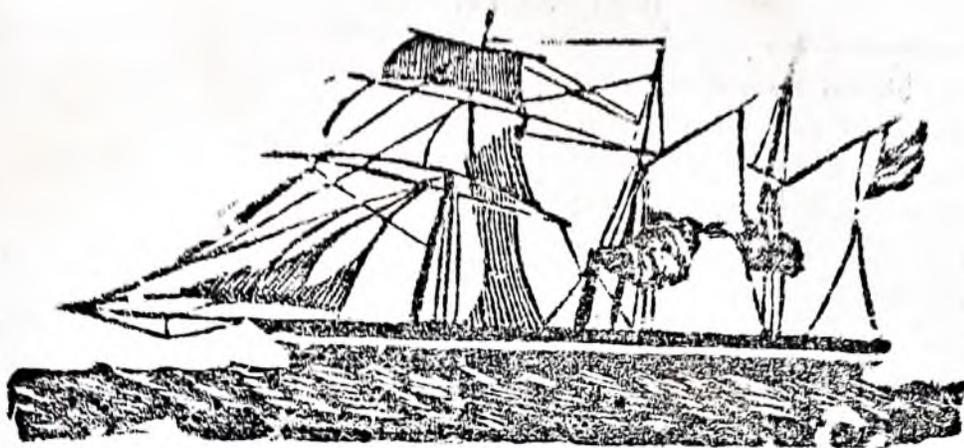
A rua do Bispo, sobrado n. 20, segundo andar, precisa-se de uma ana, com bom leite, para tomar conta da criação de uma menina, não se duvidando pagar bem, agradando.

AO PUBLICO.

A Sociedade PRIMEIRO DE NOVENBRO faz sciente ao publico, que os seus Bailes Pastoris são somente representados em casa de sua residencia, a Ladeira do Carmo n.º 40, nas noites do quartas e sabbados, e não em casas particulares, como se tem propalado.

Os bilhetes podem ser procurados na supradita casa.

Santos Lima.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 29 DE JANEIRO DE 1867. SERIE 16.^a—Ns. 156 e 157

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia, 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 janeiro de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe, que se propala por ali, que o creoulo Benedicto, escravo pertencente á herança do finado capitão Caboclo, se acha *por certos motivos*, desde quarta feira, na Correção preso e incommunicavel á sua ordem, sem que S. S. seja disto sabedor, e na duvida de que seja ou não exacto, leva-se ao seu conhecimento.

—Ao Illm. Sr. provedor da Santa Casa, pedindo-lhe que se digne enviar um resumo circumstanciado do numero de recolhidas existentes até 1863, das que entraram dessa epocha para cá, de quantas existem actualmente, de quantas sahiam casadas e que destino tiveram as outras.

—Ao Sr. administrador da capatazia d'alfandega, dizendo-lhe que nos informam, que na estação á seu cargo ha um abridor, que não consente, que dahi saia fardo ou caixa, com arcos, papel, cordas, capa ou outro qualquer involtorio, dizendo que aquillo são os seus emolumentos, além de outras *peixinhas*, com que se *arma* o sobredito cujo, que

até ja se arvorou em proprietario, com os arranjos dessa e outras ninharias. Em vista do que, pede-se a S. m. que aviregue isso e faça o que for justo.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que leve ao Sr. Dr. chefe de policia um creoulete, que sahe todas as manhans do botequim do Jovita, á baixa do Bomfim a frescata, vestido com um simples chambrão, aberto na frente, e passeia neste gosto tudo aquillo, sem respeito ás familias, que por alli existem. Cumpra.

—Não ha uma lei sobre calçadas, que obriga os proprietarios a concertarem o passeio em frente a suas casas?

—Creio que sim.

—E porque não se hade concertar o passeio da rua das Portas do Carmo, que em toda sua extensão é uma miseria, a respeito de frunchos e buracos?

—A camara é quem sabe.

—A tal camara só tem serventia para uma cousa, que eu sei cá.

—No sabbado á noite, deram as egrejas signal de incendio, o qual se havia manifestado em um predio, que fiz quina da Praça do Commercio para o becco do Julião.

—Foi um quadro consternador; as chamas reduziu em a cinzas toda a propriedade, causando avultados prejuizos.

— Tudo isso é nada, em comparação com as lastimáveis vidas que se perderam victimas desse desastrado successo.

— Dizem-me que poderiam ser salvas, si não fosse a demora que houve em chegar a escada de salvação do arsenal de marinha, em virtude de não haver quem authorisasse a sua saída com promptidão.

— E que tambem concorreu o estado de embaraço, em que estava a escada de salvação do Commercio, e a pouca gente que havia, que ou bem devia de cuidar em desembaraçar as bombas ou em safar a escada; de sorte que veio a sahir tarde e a más horas.

— E que me diz do estado das taes bombas em geral?

— Estas attestam o defeizo de nossa terra para tudo que não é de encher a barriga. Para um objecto de tanta magnitude, ainda não houve quem se lembrasse de dar providencias para que n'um momento de aperto não se andasse ás cabeçadas.

— Disseram-me que houveram authoridades que estavam apoderadas do mais apathico torpor, e que até houve uma, que, pedindo-se uma providencia urgente tendente a evitar deploraveis sinistros, respondera: — o que querem que eu faça?

— Tambem inventam muita cousa nessas occasiões.

— E que, em compensação dessa censuravel morosidade, houve muito acto de heroismo, praticado tanto por nacionaes como estrangeiros.

Houve muito quem arriscasse a vida, com o humanitario fim de livrar a tantos infelizes, que eram prezas das chaminas.

— A elles louvores sejam dados.

— Pobre velha! até depois de morta sofre os azares do fado inexoravel!

— A respeito de quem falla?

— De uma pobre mulher, que martirizada em vida, depois de morta, está ha dois dias em casa sem ter quem a leve ao cemiterio.

O armador, ja desarmou a casa, as velhas foram entregues ao cerieiro, e o corpo permanece em casa!

— Lhe affianço que ali não fica.

— Provavelmente. Mas, quer ouvir os re-

vezes por que passou em vida a pobre velha?

— Sabe que sou curioso.

— Possuia ella algum dinheiro e duas escravas.

Uma tal D. Hortencia, mulher que apesar de casada, vive sobre si, induzia a velha a ir para sua companhia.

Com boas *treitas* fez que ella vendesse uma escrava, e a outra, por ser doente não achou comprador. Apossou se a nossa amavel matrona dos cobres e deu a mulher por demente, trancando-a n'um quarto, que so era aberto para lhe dar de comer. Isto por espaço de um anno. Na sexta feira a mulher queixou-se de agudas dozes de barriga; o remedio que lhe deram foi aquec-tarem uns pannos e agruparem-lhos no ventre.

No sabbado, quando abriram a porta do quarto, encontraram um cadaver!

— Si a pobre tivesse conhecido de dis-so; pode ser que fizesse alguma cousa.

— O facto foi notorio no M. ciel e pessoas da propria casa, bem como a escrava, podem dar informações.

— Entao acha bom que participemos a policia?

— Si quizer ninguém lhe priva

— Creio que agora é uso.

— O que?

— A mania de deitar crianças fóra.

— Ha algum caso novo?

— Na quarta feira p. p. amanheceu na porta do Sr. J. J. dos Reis Lessa uma linda eriancinha, de cerca de 6 mezes de idade, muito bem vestidinha e ataviada de enfeites, tendo a seu lado uma boqueta com roupa.

A innocente tititava de frio quando foi encontrada.

Algumas mulheres da vizinhança tomaram-na a seu cargo, até que chegue o Sr. Reis Lessa, a quem tencionam apresental-a.

— Ainda essa foram deitar na porta do Sr. Reis Lessa, que é provavel se interesse pela sorte da infeliz, e uma que foi lançada ao mar pela propria mãe?

— Onde foi isso?

— Em Itapagipo.

— Semelhante acto não pode ser

praticado por uma mão, é obra de alguma fera.

— Foi uma creoula, que costuma embebedar-se e que n'uma occasião destas praticou tão horroroso feito. Felizmente uma mulher, que presenciou, salvou a desgraçada e trouxe-a para a cidade para um becco á Rua das Veronicas.

Consta que o Sr. chefe de policia, tendo conhecimento do caso, mandou-a recolher á Casa dos Expostos.

— E applicou a conveniente punição a quem commetteu tão grave delicto?

— Isso parece que ficou no tinteiro.

— Entre as pessoas que se distinguiram por occasião do incendio, na noite de 26, é digno de menção o Sr. cadete F. Antonio Carvalho Menezes e Vascellos, que, á testa da companhia de sapadores, foi incausavel, arriscando sua propria vida.

— Neste caso é digno de louvor o Sr. cadete Carvalho.

Apontamentos á lapis.

QUARTA PAGINA.

A verdade reage contra todos os obstaculos.

A questão urge: é preciso resolver-mol-a, como haviamos promettido aos leitores em nosso ultimo escripto.

Fundamentado na discussão mais ou menos logica e convincente, que já temos feito sobre algumas das doutrinas tendentes á nova sciencia *espiritica* — e em outras reflexões justas e imparciaes, que ainda por hoje apresentaremos, havemos de mostrar clara e evidentemente, que ella não passa de uma parvoice, de uma chimera, e que não tem valor algum na sustentação de suas ideias e na exposição de seus factos.

Quem attentar franca e lealmente para essa nossa asserção, ha de convencer-se, e, o que mais é, persuadir-se de que dizemos uma verdade tão clara e transparente, como a luz meridiana.

Com effeito, não ha doutrina, por

mais absurda e perigosa, que a imaginação humana tenha inventado, que o spiritismo não abraçe e não procure a todo custo sustentar.

Na systematisação de seus principios acham-se ideias, que, si, por um d'esses phenomenos inexplicaveis ante a rasão humana, viessem algum dia a se propagar, qual outro flagello, derribariam por terra os factos mais solidos e fundamentaes da nossa religião.

Para, a toda força, tornar-se uma sciencia positiva, chega o spiritismo a querer explicar os dogmas e mysterios da nossa religião pela simples inspecção da rasão, como que não sabendo que o *racionalismo*, esse systema estúpido e ridiculo, por isso que dá á rasão humana maiores fóros, do que ella na realidade tem, já ha muito tempo se acha banido do soberbo e imponente quadro da philosophia moderna por toda a pessôa de bom senso e criterio.

E essa é a sciencia, que pretende seguir a sua marcha *triumphante* no correr infinito dos seculos!

E essa é a sciencia, que ainda n'esso seculo, admittindo tal doutrina, tenta devassar os arcanos mais intimos e arraigados do Creador!

Oh! quanta estupidez! quanta loucura! quanta miseria!

E ainda os seus desvarios não param ahí: vão muito mais além.

Pretendendo demonstrar a união d'alma com o corpo, essa união incontestavel, porém mysteriosa, que de balde tentaram explicar o Mediador plastico de Cudwoth, a Harmonia preestabelecida de Leibnitz, os Spiritos animacs de Descartes, as causas occasionaes de Mallebranche, o influxo physico dos peripateticos, admite uma substancia intermediaria, semi-material e semi-spiritual, denominada «per-spirito», que não é mais nem menos que o reflexo baço e amortecido d'esses outros systemas, e chegam os seus adeptos a dizer que por meio d'elle explicam cabal e satisfactoriamente semelhante facto.

Desgraçados, que não veem, que a-

poiando-se em tal doutrina, já lhes é um impossivel o absoluto demonstrar o que têm em mira!

Miseraveis, que não sabem que aqui são os fins os mesmos, diversificando apenas os meios!

Racionalistas e rebeldes que não comprehendem, si quer, um só momento, que, si aquelles com taes doutrinas não poderam comprovar similhante verdade, elles, seguindo as mesmas pegadas*jamais, o poderaõ tambem!

E ainda entre nós levanta se um homem, que por ser um dos extrenuos e esforçados sectariõs d'essa sciencia, quer explicar que as sympathias e antipathias, phenomenos pura e exclusivamente instinctivos, que se dão entre nós, não sejam mais nem menos que os effeitos de uma vida anterior da que nós não temos a consciencia, imitando d'esta arte a Platão, que para demonstrar certas ideias, dizia serem ellas a reminiscencia de uma existencia anterior!

Mas tudo isso acontece e ha de acontecer em quanto esses homens não compenetrarem se dos limites da sua intelligencia.

Deixemos agora de analysar as doutrinas, porque então seria um nunca terminar, vamos finalizar o nosso escripto, fallando tambem d'essa sciencia na sua parte practica, isto é como arte.

Ahi a desgraça é maior, maiores os estragos.

Fazem rir o homem mais serio as galimanhãs, que os taes *spiritas* fazem, quando invocam qualquer espirito.

Uns, como que se acham debatendo nos stertores da agonia, nos gemidos entre cortades da dor, ou nos abyssos insondaveis da desesperação e vingança!

Outros, como que mergulhadas em um profundo somno, de quando em vez soltam um ai, um soluço, um gemido triste e lugubre como os do desterrado nas soidões do exilio, ou como os do nauta no meio do grande procella, ou enfim como os do padocente aos pés do algoz.

Outros ainda, parecem lutar com um grande pesadelo, que, confrangendo lhes pouco a pouco os peitos, os deixa prostrados em um terpor assustador!

Alli dão-se scenas, que horrorisam até ao proprio enfermo!

Emfim a impostura e a maledicencia estão gravadas nas fronte impuras d'esses homens, como um stygma indelevel, que já mais se apagará, macula, que semelhante á da tunica de Macbeth, toda a agua do Oceano será pouca para lavar-a.

As miserias, que tal sciencia entre nós tem produzido, são mais que notorias a todos.

N'esses ultimos dias foi victima indefesa d'esse brinquedo, pois que outro nome não lhe podemos dar, um negociante d'esta praça.

Fazem-lhe crer que o espirito do *celebre* João Caboclo estava no seu ventre, e elle persuadido de ser isso uma verdade, começa a scismar, a meditar profundamente e afinal enlouquece!

E não se lembram estes homens, não se commovem, não se desesperam de ter por essa forma lançado o dô, a desolação e talvez a miseria sobre toda uma familia!

Não: que os seus corações já se acham corroídos pelo vicio, as suas almas prostituidas pelo fugaz brilho do ouro!

E a policia, que taes factos observa, nemhuara providencia dá, porque o Sr. Amarak, dizem, tambem é da sucia, tambem é spirita.

Dizem até que chamado para providenciar sobre o facto do tal negociante, que tivera-se portado de uma maneira pouco digna do cargo que occupa, pois que entrou e ajoelhou-se batendo em os peitos!

Oh! descredito inqualificavel, vergonha das vergonhas!

E essa authoridade ainda está continuando a exercer o cargo o continuará!

Isto nos indigna: o nosso artigo já vao mui longo, ainda não terminaremos

d'esta vez. Os leitores queiram ainda desculpar por essa vez

Ao Agrippa

LA VAE VERSO.

Entre um pae e uma filha
discussão se levantou,
só por causa de um balão
que sinhazinha comprou.

—Menina, disse-lhe o velho,
p'ra que queres mais gaiolla?
tu não vês que assim vestida
és menos mulher, qu' bolla?

Pode vir um pé de vento
e atirar-te p'ra o ar;
voando, qual borboleta,
onde iras então parar?

—Ora papae, diz a moça,
não sabe que um balão,
dá-nos graça, fere os moços
nas fibras do coração?

Não sabe que o casamento
é fructa cara, hoje em dia?
moça que não tem patacas
não casa, fica p'ra tia?

E' preciso usar de visco
p'ra pegar os maganões,
que rede melhor já viu
do que sejam os ballões?

Sou magra, por natureza,
mais não sou rebelde á amor;
mettida nesta gaiolla
aos moços trago em furor.

Calou-se o pae, pois não pode
resistir a taes razões,
por causa do casamento
trumpna sempre os ballões.

Moças, pois
si quereis casar,
de saias ballões
devereis us r.

(Extr.)

A PEDIDO.

—Capitão, quer fazer uma aposta?

—De que?

—Em como no primeiro vapor de
março está aqui o Conselheiro Sarajiva?

—E' que já estara de saude restabe-
lecida.

— Não Sr.; é porque morreu o barão
de Uruguayana e elleahi vem em bus-
ca do logar.

—Pode ser; mas.....qual..... eu
creio que vem em má occasião. Acho
melhor que deixe acabar a guerra; por
que do contrario.....

—Qual; os amigos estão ali.

Então quer eu não quer apostar?

—Homem, não. Elle que se arranje
com o povo.



Retrato de um papa bestias, velho, de-
crepito, devoto de S *João Aveponuce-*
no, morador n'uma *richa*, na costa
do *mar*, que é *grande*.

Seus predicados:

Sacrilego e delapidador do casal, de
que foi inventariante.

—Padre, V. para que ha de ser sa-
fado?

Pois além de não pagar ao homem
ainda quer mandar por seu parente do
Caribé espancal-o?

—Eu não o chamei; elle offereceu se
mesmo ao *Luiz* para ir morar na roça
e depois queria que eu lhe pagasse,
além de ter casa de graça, agoa, le-
nha, etc.

—Estou informado que V. foi quem
mandou chamar o pobre homem na sua

casa, illudiu-o de tal maneira que fez o pobre cahir na esparrella de ir para sua roça, o depois que apanhou-a plantada de mandioca, aipy e legumes fez com que o homem sahisse, perdendo o dinheiro que tinha empregado, dinheiro, que tanto lhe custou a ganhar, e não quer pagar ao menos o que elle gastou com trabalhadores!

Isto é a charidade ensinada por seu Divino Mestre, meu salabardote? querer usurpar o suor de um pobre homem carregado de familia e arrancar o pão da boca de seus filhos?

Isto é uma ladroeira!

Padre, si fosse em França, V. ja estava no chilindró!

— Pois em Guimarães não é assim, rouba-se a vontade.

— Porém V. não está lá meu rapina

Muxingueiro, toca este bandalbo até cahir.

— Vou executar.

— Quem morre por seu gosto, acaba por seu regallo.....

— Mas, á que vem essa recordação funebre?

— É uma reflexão, que venho fazendo sobre o nosso commandante maior...

— Seu pode ser, Sr. sargento, porém meu não, porque não tenho a honra de pertencer á essa nobre classe.

— Pois bem, meu ou seu, não faço questão.

— Porém á que vem a repetição do adagio?

— Por ver o *carão*, que o Leitão passou no barão; o homem disse ao batalhão que por castigo, e por ter cahido da confiança do governo, por sua insubordinação, desaquartelava.

— E o que se segue?

— Leia V. mesmo aqui:

« Estamos authorisados á declarar que o batalhão, teve ordem para desaquartelar tão somente, por ter findo o seu tempo de serviço e porque devia concorrer com praças para a nova organização &c.

— Homem isso é o mesmo que dizer...

Foi mentira, o que o commandante maior disse lá, em meu nome. —

— O que é certo, capitão, é que não se pode deixar de estimar um homem como o Leitão!

Em nome da guarda, especialmente de meu batalhão, me conceda permissão para eu dar um viva ao justiceiro presidente.

— Pode dal-o, meu amigo, — é justa a alegria, que resulta da vingança de uma injuria.



MOTTE

GLOSADO ENTRE A VITALINA E O VIGARIO DE MATATUIM.

Vital. — *Meu padre, por seu respeito
Toda gente me debella;*

Padre — *Dos que te offendem assim
Querella, meu bem, querella.*

GOSA.

Vital. — *Até quando vou á missa,
No domingo ou dia santo,
Na igreja, a cada canto,
Um murmura, outro aticça
Um murmura, outro aticça
Com voz mais viva ou submissa
Diz um a outro com geito;
— Olhe a cuja do sujeito.
Como está empavezada!
Ao pé do altar sentada.....
Meu padre, por seu respeito.*

Pois si accaso vossancò
 Alheios bens entra a ter
 Logo pegam a fazer
 Um aranzel, um lelé:
 Dizem que isso é porque
 Eu o trago na chinella,
 E me chamam de cadella;
 Que sou escoria dos mai,
 E com insultos dos taes
Toda a gente me de bella.

Padre — E que te importa essa gente
 Que de teu obrar murmura?
 Ter bens, ter prazer procura,
 Passa os dias docemente:
 Deixa la que um maldizente
 De ti declame ou de mim;
 Vamos nos gosar por fim
 O que agrada a cada um,
 Não façás caso nenhum
Dos que te offendem assim.

Faze tu, como eu pratico:
 Sem ter de ninguem vergonha,
 Falla mal, minha congonha,
 Quer do pobre, quer do rico:
 Flatera com ardor inico
 Da casada, da donzella;
 A toda gente atropella
 Com mentiras, com enredos.
 E dos que tu tiveres medo
Querella, meu bem, querella.

—Capião diga-me: é certo que *certa*
peessoa não é nem barão, nem com-
 mendaador, de Christo, nem fidalgo e
 anda com uma farda, que lhe não per-
 tence?

—Quem disse isto?

—O *Interesse Particular*.

—Não sei disso, e nem creio, por
 que seria um crime um personagem
 apresentar-se com esses titulos sem
 lho pertencerem.

—Não, dizem que é por não ter pa-
 go os direitos.

—Então hade passar.

—Porém dizem que o tempo ja pas-
 sou, e que não pode mais fazel-o.

—Então deixará de usar de tudo isso

—Mas.....

—Va-se para o diabo. O *Alabama*
 não é promotoria publica.

—E então; o Promotor pode.....

—Accusal-o, por isso, si não é....

—...Mas, se não accusa?

—E' porque não quer.

—Porém....

—... com mil diabos, deixe-me
 homem; não me aborreça.

(O *brigue Agosto Pequeno*. — Capitão
Dias. — Procedente de *Lima*)

(*Continuação*.)

—Dirigi-me ao intendente da poli-
 cia e queixei-me amargamente dos ra-
 pazes Pintei-os perfeitos espadachins,
 com um caracter indomavel, com u-
 ma indole dissoluta, com propenção pa-
 ra tigres; disse-lhe que a cada passo-
 eu era não só desobedecido, como até
 desrespeitado por elles; e pedi-lhe que,
 afim de pôr cobro a instinctos, que se
 revelavam tão ferozes os mandasse sen-
 tar praça a bordo de um navio de guer-
 ra, até modificarem o genio.

O que é que nesta terra da venalida-
 de não alcança quem tem uma certa po-
 sição amparada com o nome de homem
 de dinheiro?

Tudo o que quizer.

Foi o que aconteceu commigo.

O intendente de policia que passava
 nesta terra por um dos typos mais rigi-
 dos, dobiou-se entretanto á todas as
 minhas exigencias; e eu vi com prazer
 meus dous tutelados sahirem da se-
 cretaria escoltados para o trem do mar,
 de onde foram conduzidos para bor-
 do, recommendados como turbulentos e
 pervertidos.

Mezes depois sahia de Latronopolis
 o navio em que elles tinham praça.

Respirei então por que aquella grossa
 fortuna era minha.

Decorreram alguns annos, em que
 impunemente usufruir aquella immen-
 sa fortuna, sem quanto seus verdadeiros
 donos gemiam ao peso do aviltante ca-
 labrote.

Decorreram, como dizia, alguns an-
 nos, sem que eu ouvisse fallar dos ra-
 pazes, até que, por informações, por
 que eu era cauteloso em indagar, sou-
 be que um tinha morrido.

Porém vá V. Ex. vendo o diabo como
 as tece.

O navio em que tinha praça o rapaz

foi estacionar na provincia que tem uma *alagôa* em seu centro.

Meu tutelado, convertido em marinheiro, teve licença para passeiar ou terra, praxe usada nos navios de guerra.

N'um desses passeios, com quem havia de esbarrar o rapazito? com um tio. O homem ficou estupeficto quando viu o sobrinho enfiado naquelle traje de marujo.

Indagou, perguntou, esmerilhou que destino levara o rapaz àquella condição, quando elle o julgava sentado nos bancos de alguma academia.

O rapaz narrou meu procedimento para com elle, orientou-lhe de todo o occorrido, disse-lhe menuciosamente todas as peripecias e provações que tinha passado na sua vida do mar.

O velho, por capricho ou caduquice, assentou de por o negocio em pratos limpos e reivindicar os defraudados bens de seu sobrinho.

Esqueceu-se porém de que ia luctar com um homem dinheiro só; e que o dinheiro é a base essencial para se obter justiça.

(*Continua.*)

VARIÉDADE.

VIVENTES INFELIZES.

Marinheiros.
Escravos de engenho.
Bestas de omnibus.
Mulher de soldado.
Caixeiro de avarento.
Padre vergouhoso.
Freira arrependida.
Medico sem clinica.

REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha roceiro, que não tenha presumpção de montar bem a cavallo.

Não ha moleque de padre que não saiba ajudar missa.

Não ha suciante que não goste de feijoada.

Não ha loja de louça que não tenha cha.

Não ha casamento de tabaréo que não acabe em fado.

Não ha gato da frade, que não seja gordo.

Não ha cigano que não seja jogador.

REGRAS DE ECONOMIA.

Remendar sapatos em quanto dura a cunro e a sola.

Andar sempre de preto para não sujeir muita roupa.

Comprar carne tarde, p'ra achal-a barata.

Usar de sobre-casaca, para andar de calças sem furdilhos.

Pentear cabelo molhado, para não gastar pomada.

Sahir a passeio, e hir a casa de amigos deitar cheiro nos lençós.

Dir jantar em dias de serviço, para ter pouca gente.

Ir a missa de madrugada, para poupar a roupa nova.

Guardar casaca velha, para enterros e actos nocturnos.

Jantar tarde, para não fazer despeza com a ceia.

Dormir vestido, para não gastar lençóes.

Dormir as escuras, para poupar gaz.

Deitar-se nú, para não machucar o peito da camisa.

REGALLOS DO RAPAZ SOLTEIRO.

Cruzar as ruas à tarde, só para cortejar as moças conhecidas.

Offerecer o braço a moça bonita, para fazer constar a ventura que teve.

Andar com roupa feita por alfiate estrangeiro.

COUZAS EM QUE A GENTE NÃO DESEJA SE VER METTIDO.

Em hors.

Em alhadas.

Em calças qardas.

Em camisa de onze varas.

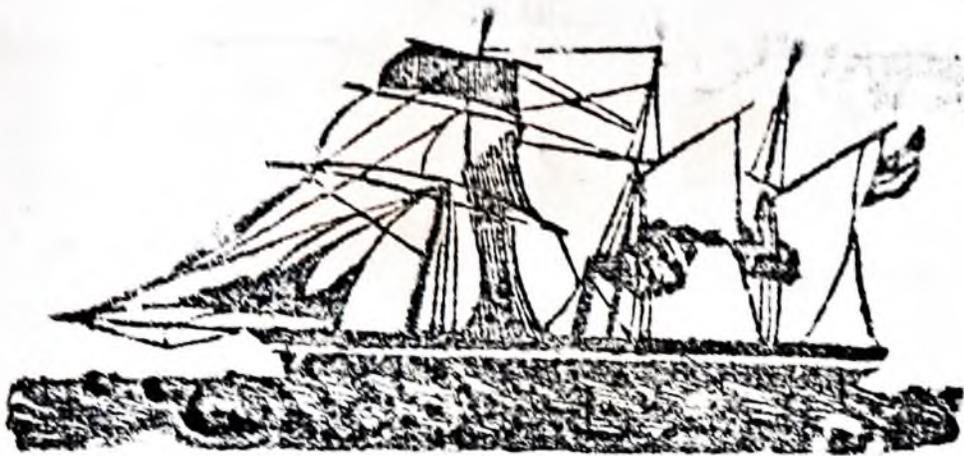
(*Extr.*)

ANNUNCIOS

Deseja-se saber do Sr. Caetano, si não está resolvido a pagar o principal e juros da letra, ou si tenciona fazer mais esta escamolagem?

AMA.

A rua do Bispo, sobrado n. 20, segundo andar, precisa-se de uma ama, com bom leite, para tomar conta da creação de uma menina, não se duvidando pagar bem, agradando.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

31 DE JANEIRO DE 1867.

SERIE 16.ª—N.º 138

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua da Misericórdia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagas adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folia avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

O Sr. Romão Pereira da Silva ácha-se temporariamente encarregado da cobrança deste periodico.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1867.

Officio ao Ilm. Sr. inspector da illuminação publica, chamando sua attenção para a pessima illuminação da Calçada: naquella rua ha sempre lampões por accender, e na noite de 27 os dos Mares e Roda da Fortuna achavam-se quasi todos apagados, e os que o não estavam desprendiam uma luz tão microscopica, que era o mesmo que estar ás escuras.

Espera-se que este pedido mereça a consideração de S. S.

—Quem ha de acreditar que, na capital da Bahia, a viuva de um bravo, que morreu defendendo a patria, está so finando, n'um leito de dores, á mingoa de soccorro, sem ao menos achar um medico que lhe queira dar gratuitamente uma receita?

—É impossivel, não creio.

—Pois la está no becco do Padre Bento, Josepho Ferreira de Jesus, viu-

va do tenente Alexandrino de Salles, morto no ataque de 2 de maio.

—Si ella recorresse ao governo, estou que seria attendida.

—Ja implorou uma pensão, e seus papeis la se ficaram pelo Rio sem ter solução.

A infeliz, o unico legado que teve do seu marido, foram 4 filhos menores de quem elle era o arrimo e que hoje, como ella, vivem na penuria.

—Porque não vao ao presidente?

—Ja foi; S. Ex. mandou dar-lho CINCO MIL REIS! . . .

—Isso depõe muito contra os nossos brios nacionaes.

—E não haverá quem se condôa do tão deploravel estado?

Não haverá um medico, que generosamente se preste a ir gratuitamente soccorrer no leito de angustias aquella, cujo esposo morreu defendendo a patria?

Não haverá quem se condôa da pobre viuva, enferma e abandonada?

Não haverá uma mão, caritativa que se estenda para lhe dar uma esmolla, ja que o nosso *paternal* governo so nega a lhe fazer justiça?

A charidade não está extincta, temos fé que a infeliz não perecerá á mingoa,

—O Sr. esquece-se de que o egoismo lavra nesta epocha com gigantesca intensidade?

—Embora; as almas generosas não desapareceram do todo.

LA VAE VERSO.

Artilheria raiada a Whit-worth

Bateria de Bombordo.

7.^a CARGA.

Deliberara alta noite
O conselho spiritista,
Que do culto exterior
Fosse Rosalvo o sachrista.

Para bispo e te o A,
Ze-Couto para espoleta,
E o nosso amigo Espeque
Para tocar a sineta.

O Telles p'ra cabungueiro
De toda communi a le;
Não se esquecendo a Pombinha
Para irman de charidade.

O Barbosa tambem foi
Para pregar escolhido;
E do imbuseiro o fructo
Para acolyto remido.

Tambem o 65
Agora por doado estar,
Foi por elles escolhido
Para a doutrina pregar.

O Mom-hom para enfermeiro;
E para sacerdotisa
Fôra com entusiasmo
Escolhida a D. Elisa.

E o resto dos adeptos
(A excepção dos Adães)
Foram todos elevados
Aos cargos de enxota-cães.

E quanto ao meu parecer,
Si a razão não bambeia,
Já d'ignuito esta canalha
Devia estar na cadeia.

MOTTE

*Ha tanto tempo droguista,
De fortuna sempre á cata,
Mando as drogas ao diabo
Vou tornar-me homœopatha*

GLOSA.

Doze annos de caixeiro,
Sem poder juntar vinten!
Sendo o nosso melhor bem
O precioso dinheiro!

Hoje p'ra ser cavalheiro
Vou aprender a dentista;
Ou mesmo por estadista
Stou que poderei impor:
Tambem posso ser doutor,
Ha tanto tempo droguista.

Maná, senne e eoxonilha,
Embrulho todos os dias,
Sementes de melancias,
E mais a salsa-parrilha;
Vendo tambem cascarrilha
E resina de batata;
E p'ra curar catarata,
Sei que é bom cesto colyrio;
E vivo neste martirio
Da fortuna sempre á cata.

E' ja tollice aturar
A senhora drogaria!
Quando, da noite p'ra o dia,
Posso mui bem me arranjar!
Si eu aqui continuar,
Da minha vida dou cabo:
Vou-me, pois, ferrar ao rabo
Da dona homœopathia,
E com sua senho ia,
Mando as drogas ao diabo

Hei de mil vidas salvar,
No instante em que for chamado,
E p'ra ser mais procurado
Hei de escriptos publicar;
Bons cobres hei de chuchar
Da gente extranha e da nata;
De bons freguezes á cata
Correndo o mel pela bica;
Que pechinha! . . . Adeus botica
Vou tornar-me homœopatha.

A PEDIDO.

—Olá meu rico? V. gosta de andar pelas moitas!

Ora diga-me, que *segredos* tinha com aquelle menino?

—Estava á encommendar-lhe uns *sequinhos*.

—Porém o moço não é pasteleiro.

—Queria que elle *me fizesse* o favor de encommendar-os.

—O rapaz é estudante, vao lá se occupar em mandar preparar doces!

—E eu sou caixeiro das *bombas-machas*, não tenho tempo; por isso é que o chamei para *me fazer* isso.

—Pois meu tropiante, omende-se,

quando precisar de alguma cousa, *sirca-se a si mesmo* que não é defeito.

— Mas si eu não tenho tempo?

— Si o pae do menino souber não ha de gostar; e si não declaramos desta vez o nome para elle saber, da outra não será assim.

E alem do pae, ha o muxingueiro do *Alabama*, entendeu?

— Sim, Sr.

— Bem.

— Capitão, temos novidade.

— Então vamos á ella.

— A rua das *bengalas* converteu-se em lupanar de immoralidades

— Porque razão?

— Originadas pelos filhos e officiaes de um sujeito chamado, *Peixe vindo de Nantes*.

— O peixe vindo de Nantes é *sardinha*.

— Não trato disso; digo que o sujeito chama-se *Peixe vindo de Nantes*.

— Em latas, sem duvida?

— Não sei disto.

— Mas, vamos lá, o que fazem os taes meliantes?

— Praticam toda qualidade de bandalheira e devassidão. Esses sevandijas entram, pelos fundos, para um predio deshabitado, pertencente ao P. . . e abi commettem tudo o que é immoralidade e libertinagem com o maior escandalo, de sorte que, as familias, vivem constantemente incomodadas.

— Sendo assim, é desaforo inqualificavel.

— Ha uma casa principalmente, que é victima da pelintragem dos taes peralvilhos.

— Ah! si o dono da casa fosse inspirado por algum *anjo*, ainda que fosse dos *bonecos*, talvez pudesse poupar a perdição de uma incauta, que dá ouvidos aos taes bregeiros.

— Isso muda de figura, explique me

— Por S. *Ismael*, que não direi mais de que isso: é um namoro, com seu requinte de depravação, tocando a seducção.

— E' preciso acatar com essa patifaria.

Muxingueiro!

— Prompto.

— Va prevenir o dono dessa casa, que acantele-se, para não ser victima de alguns bandalhos que procuram levar a deshonra, e o desacoego ao seio do seu lar.

Quanto ao sujeito, *Peixe vindo de Nantes*, diga-lhe que ponha cobro aos seus desavergonhados agregados e dissolutos filhos, empregando-os a abrir e molhar o producto dos campos de S. Felix de Nazareth, para não terem tempo de andarem a seduzir quem vive socogada; do contrario vossê lhe saldará todas as faltas commettidas, desde a morte do papae Turibio.

— Quanto custa esta jaca?

— 240.

— E' caro.

— E' o preço que deu o Sr. padre.

— Seu amo é careiro!

— Meu amo, não!

— Então o que é seu?

— Nada. Eu sou um preso.

— E como está vendendo jaca?

— Não sabe que aqui dentro do *trem do mar* as authoridades tem cada uma um preso á seu serviço?

— Não sabia.

— Pois saiba. E' costume que o *Luiz* trouxe de *França* para aqui, e que o *Guimarães* achou excellente.

— Bem; quem mais vive mais vê!

Para eleitor do curato da Se

O cidadão Jovino Cezar da Silva.

Para eleitor da freguezia de Santa Anna—o padre Feliciano Candido Rodrigues.

— Que diabo de tagarella! Parece que não tem o que fazer dentro de casa! Vive so na janella á tomar nota da vida alheia!

— Onde é isso?

— Na travessa que da ladeira do *se-raphico Padre* vai ter ao passo que foi do *Saldanha*.

— E quem é essa mundeira?

— E' a *cambonda* de um antigo *cabo de esquadra*, que hoje *escreve no com-mercio*

—Mas estou certo, que elle ignora as proezas da sua *virgem muar*.

—E' bom provavel que elle ignore, porque não vae lá á toda hora. Quando entra, a vizinhança sabe pelo *bater da bengala*.

—E porque não lhe participam o ruim comportamento da tal mirafona?

—Eu creio que o homem tem modo della, que é bem capaz de lhe entortiar a *perna direita*.

—Pois então os vizinhos que representem contra ella á authoridade.

—E' o mesmo que nada; porque o antigo *cabo de esquadra* empenhar-se ha pela sua dulcinéa e ella muita lampreira continuará a zombar e chacotear da vizinhança.

—Então o que se hade fazer?

—Ahi só o muxingueiro do *Alabama* é quem pode dar algum geito.

—Pois está dito. Vá o muxingueiro visitá-la.

VARIÉDADE.

SALVE RAINHA

Da cartilha moderna do padre Especu'a.

Salve moeda, mãe de misericordia, vida, doçura, e importancia nossa; por ti bradamos os esgalgados filhos de Eva; por ti suspiramos, sacando e guardando neste valle de logros: eia pois, camarada nossa, a nós voltei esses vossos lucros milagrosos, e depois desta trapassa, nos augmentai o luxo, bem dito fruto do vosso ganho, oh saboroso, oh nobre, oh sempre honrado dinheiro, chegae vos para nós, grande pae de empenhos, para que sejamos dignos da admiração do povo, da nobreza e do clero.—*Amen.*

FIM DO MUNDO.

Nos Estados-Unidos da America, segundo o *Echo da Italia* n.º 37, vive um capitão de nome W. A. Bolker, antigo official da armada iagleza, o qual determina ponto por ponto o anno, mez, dia, hora, minuto, em que se cumprirá o grande cataclisma do fim do mundo.

O anno, segundo elle affirmo, será o de 1878—o dia 20 de setembro, a hora 3 e 5) minutos, o instante a entrada do sol.

Bolker fez prender a este acontecimento final outras prophcias.

A Italia será invadida, segundo diz, em 1857, no mesmo anno a rainha Victoria abdicará a corôa, em 1859 o rei Jorge des-

apparecerá da Grecia, e a Grecia passará no poder da Austria em quanto a Russia occupará a Turquia.

Além disto; Bolker prediz que a 3 de julho de 1875 em Roma apparecerá a peste, seguida da fome, e outras muitas cousas, que não é necessario referir.

A 10 de março de 1875 os judeus tomarão posse de Jerusalem, neste mesmo dia apparecerá o Anti-christo, que virá bater-se com Napoleão III: neste dia em que cahirá o dominio de Napoleão, os inglezes aliados do Anti-christo occuparão Paris.

Finalmente depois de eclipses solares, epidemias, tempestades, furacões, etc., no 1.º de setembro do anno de 1878 manifestar-se-ha o primeiro signal da appareção do filho de Deus; a 20 do mesmo mez e anno, Jesus Christo apparecerá em toda a sua Gloria, descendo perto do occaso do sol sobre o Monte das Oliveiras, e no meio da sua côrte celeste proclamará o fim do mundo, e julgará os vivos e os mortos.

CIRCUNSTANCIA EM QUE E' MAO QUANDO A GENTE ESTÁ.

Em apertos.

Em mãos leuções.

Em grandes apuros.

Entre a espada e a parede.

Entre o martello e a bigornia.

Entre a cruz e a caldeirinha. (*Extr.*)

ANNUNCIOS

ATENÇÃO.

O abaixo assignado, tenente reformado do exercito, devendo seguir para o Pará no mez de março do corrente anno, como determina o governo da Provincia, de conformidade com o aviso do ministerio da guerra de 22 de dezembro ultimo, e não tendo quem possa encarregar-se do negocio de seu estabelecimento, sito no campo da Polvora, convida, portanto, aquellas pessoas que tem alli objectos empenhados a resgatá-os até o dia 28 de fevereiro proximo vindouro; advertindo de que os penhores vencidos não retirados até este dia serão no 8º de março seguinte vendidos em leilão, na forma do decreto n.º 2692 de 14 de novembro de 1860. Bahia 30 de Janeiro de 1867.—*Raymundo Nonato da Silva.*

Na Praça dos Veteranos da Independencia precisasse fallar com o Sr. Estevão Domingues.